

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS - PUC
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM HISTÓRIA**

MARILDA APARECIDA VAZ

**A INSERÇÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS E USOS DOS
RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO NO ENSINO
MÉDIO EM ESCOLA PÚBLICA**

**GOIÂNIA
2022**

MARILDA APARECIDA VAZ

**A INSERÇÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS E USOS DOS
RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO NO ENSINO
MÉDIO EM ESCOLA PÚBLICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Escola de Formação de Professores e Humanidades, como requisito para obtenção de título de Mestre em História, na linha de pesquisa Educação Histórica e Diversidade Cultural, sob a orientação da Professora Doutora Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro.

GOIÂNIA

2022

V393i Vaz, Marilda Aparecida A inserção das mídias sociais e usos
dos recursos tecnológicos na educação no ensino médio em escola
pública / Marilda Aparecida Vaz. -- 2022.
103 f.

Texto em português, com resumo em inglês.

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia,
2020. Inclui referências f. 90-103.

1. Educação - Efeito das inovações tecnológicas. 2.
Aprendizagem. 3. Mídia social. I. Ribeiro, Maria do Espírito
Santo Rosa Cavalcante. II. Pontifícia Universidade
Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em História
18/03/2022. III. Título. -

CDU: Ed. 2007 -- 37:004(043)
37.064(043)
373.5(043)



A INSERÇÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS E USOS DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO NO ENSINO MÉDIO EM ESCOLA PÚBLICA

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 18 de março de 2022, às 14h30min.

Maria do Espírito Santo Rosa C. Ribeiro

Profa. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro / PUC Goiás

Jocyleia Santana dos Santos

Dra. Jocyleia Santana dos Santos/PPGE/UFT

Eduardo Sugizaki

Prof. Dr. Eduardo Sugizaki / PUC Goiás

Profa. Dra Thais Alves Marinho / PUC Goiás

Profa. Dra. Marina Haizenreder Ertzogue /PGCIAMB/UFT

Aos meus pais, Lázaro e Carmelinda (in memoriam), à Luci e ao Sebastião, meus irmãos. Aos meus sobrinhos, Hugo e Renan e à minha cunhada Fátima, pelo apoio e compreensão, devido às minhas ausências familiares no decorrer do curso.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que está sempre comigo e me fortalece no dia a dia. Agradeço-O especialmente por permitir-me a conquista desse sonho.

À equipe da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontífice Universidade Católica de Goiás – PUC. À Coordenação e aos Professores do Mestrado em História, pelo acolhimento, ensinamentos e embasamento teórico.

À minha Orientadora, Doutora Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro, pelo acolhimento, paciência e sabedoria. À Direção, Coordenação, Professores e Equipe escolar do Colégio Estadual Castro Alves, pelo carinho, apoio e presteza.

Aos meus colegas de trabalho da Escola Estadual e Municipal, pela compreensão e incentivo.

E, por último, aos estudantes do Ensino Médio, que muito contribuíram para a realização dessa pesquisa pois, sem eles, quase nada desse trabalho teria sentido.

ANINHA E SUAS PEDRAS

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha
Um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.

Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.

(CORA CORALINA, 2011, p. 243)

RESUMO

A sociedade da informação oferece diversas formas de expressão da linguagem, sejam estas no formato escrito, visual ou oral. Diante disso, faz-se necessário implementar o ambiente escolar, garantindo aos estudantes as habilidades e competências necessárias para a compreensão das informações recebidas, fazendo análises críticas das mesmas e propondo, concretamente, mudanças efetivas que produzem novas formas de comunicação. Diante desse contexto, esta pesquisa tem como objetivo, promover reflexões sobre o uso das mídias sociais e dos recursos tecnológicos, no ensino médio, tendo como base as pesquisas teóricas e, também, as observações realizadas pela pesquisadora, em sala de aula de uma escola pública da rede estadual, Colégio Estadual Castro Alves, tendo como linha de pesquisa educação histórica e diversidade cultural. Leva-se em conta, as práticas adotadas pelo/a educador/a frente a todas às mudanças e, melhorias que podem proporcionar dentro do processo ensino aprendizagem e sobre o acesso dos alunos e das alunas a estes recursos presentes, no mundo atual. Queremos saber: As escolas públicas estaduais hoje, apesar de estarem inseridas na era de novas tecnologias, as TCs, ainda têm dificuldades de proporcionar aos educandos e educandas o acesso às mídias sociais e aos recursos tecnológicos? Essa deficiência também se estende aos/as professores/as que desenvolvem o trabalho, na sala de aula? O/A professor/a tem acesso à internet, nas escolas públicas, para uso em sala de aula? Quais as consequências que esses fatos proporcionam ao desempenho dos/as professores/as e, conseqüentemente, à aprendizagem dos alunos e alunas? Tendo ciência de que as redes sociais tornam possíveis as práticas coletivas, sabendo-se que estas permitem aos educandos e educandas serem coautores e, também, participarem ativamente e de forma colaborativa no processo de aprendizagem, como poderemos, então, contrapor o ensino passivo e o ensino tradicional? Destacamos ainda, o avanço das tecnologias e sua inserção na sala de aula, buscando compreender os recursos e melhor fazer uso dos mesmos, nas escolas públicas. Consideramos que professores e alunos por estarem imersos nas culturas dos meios de comunicação, trazem para a escola as vivências do cotidiano. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica também faz parte dos procedimentos desta investigação. Ela está fundamentada, nos documentos normativos que regem as leis

educacionais do Brasil e que asseguram os direitos de aprendizagem e desenvolvimento: a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, o Plano Nacional da Educação de 2014 e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC de 2017. Destacamos os conceitos e a importância do papel dos recursos tecnológicos e das mídias sociais dentro das escolas públicas, bem como, quais posturas a professora e o professor podem adotar frente a todas essas mudanças e melhorias que elas podem proporcionar a eles, dentro do processo do ensino.

Palavras-chave: Educação. Recursos tecnológicos. Mídias sociais e aprendizagem.

ABSTRACT: The information society offers different forms of language expression, whether in written, visual or oral format. Therefore, it is necessary to implement the school environment, guaranteeing the student and student the skills and competences necessary to understand the information received, making critical analyzes of them and proposing, concretely, effective changes that produce new forms of communication. Given this context, this research aims to promote reflections on the use of social media and technological resources in high school, based on theoretical research and, also, the observations made by the researcher, in the classroom of a school. Public School network, Colégio Estadual Castro Alves. It takes into account the practices adopted by the educator in the face of all changes and, with improvements that they can provide within the teaching-learning process and on the access of students to these resources, in the current world. We want to know: State schools today, despite being inserted in the era of new technologies, TCs, still have difficulties in providing students with access to social media and technological resources? Does this deficiency also extend to the teachers who carry out the work in the classroom? Does the teacher have access to the internet, in public schools, for use in the classroom? What are the consequences that these facts provide for the performance of teachers and, consequently, for the learning of male and female

students? Being aware that social networks make collective practices possible, knowing that these allow students and students to be co-authors and also to actively and collaboratively participate in the learning process, how can we then counter passive and traditional teaching? We also highlight the advancement of technologies and their insertion in the classroom, seeking to understand the resources and make better use of them, in public schools. We believe that teachers and students, because they are immersed in the cultures of the media, bring everyday experiences to school. In this sense, bibliographic research is also part of the procedures of this investigation. It is also based on the normative documents that govern the educational laws of Brazil and that guarantee the rights of learning and development: the Federal Constitution of 1988, the Law of Directives and Bases of National Education nº 9394/96, the National Curriculum Parameters - PCN, the National Education Plan of 2014 and the Common National Curriculum Base - BNCC of 2017. We highlight the concepts and the importance of the role of technological resources and social media within public schools, as well as, which postures the teacher and the teachers can adopt in the face of all these changes and improvements that they can provide to them, within the teaching process.

Keyword: education, technological resources, social media and learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: A EDUCAÇÃO E A TECNOLOGIA: NOVOS DESAFIOS	18
1.1. A HISTÓRIA DA CULTURA E DA TECNOLOGIA	20
1.2. A HISTÓRIA ORAL E O TEMPO PRESENTE	37
_Toc93340252	
CAPÍTULO II: MÍDIAS SOCIAIS, RECURSOS TECNOLÓGICOS E EDUCAÇÃO .	44
2.1 - A PANDEMIA, UMA NOVA REALIDADE?.....	44
2.2 - MÍDIAS SOCIAIS	49
2.3 - RECURSOS TECNOLÓGICOS	50
2.4 - A EDUCAÇÃO E OS NOVOS TEMPOS	52
2.5 - OS DESAFIOS ENCONTRADOS PELA ESCOLA NA ATUALIDADE	60
2.6 – OS PROFESSORES E PROFESSORAS FRENTE ÀS NOVAS REALIDADES.....	65
2.7 – OS EUCANDOS E EDUCANDAS FRENTE AOS NOVOS DESAFIOS TECNOLÓGICOS.....	73
2.8 – RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
BIBLIOGRAFIA	90

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade globalizada, na qual existe uma enorme quantidade de informações disponíveis em diversos veículos de comunicação, fato este que contribui, significativamente, em nossas vidas. Importante se faz que sejamos críticos quanto ao conteúdo que internalizarmos, diariamente. Na prática docente é importante olharmos para as mídias educacionais como aliadas nos processos de ensino e aprendizagem, inovando sempre a metodologia, e, assim, tornando as atividades atrativas, dinâmicas e menos estáticas.

Nos últimos tempos, o avanço tecnológico colocou-se presente em todos os setores da vida social, e na educação não poderia ser diferente, pois o impacto desse avanço se efetiva como processo social, atingindo todas as instituições, invadindo a vida do ser humano no interior de sua casa, na rua onde mora, nas salas de aulas com as alunas e os alunos. Em tempos de pandemia, esses avanços ficaram mais evidentes. As aulas aconteceram e, possivelmente, ainda continuarão a acontecer em estilo remoto, pois, devido às novas variantes do vírus SARS coV 2, as pessoas estão trabalhando on-line. Hoje, o mundo todo está conectado, está realizando suas atividades de cunho profissional abrindo-se às comunicações sociais. As pessoas estão interagindo-se, com seus familiares, dado ao isolamento a que estão expostas, mais virtualmente que de forma presencial.

Desta forma, os aparelhos tecnológicos dirigem suas atividades e condicionam seu pensar, seu agir, seu sentir, seu raciocínio e sua relação para com as pessoas. Lembramos, por conseguinte, que já passamos por várias etapas, dentre elas quando falamos de tecnologia estamos falando no contínuo processo de mudanças que acontece cada vez mais rápido e que está disponível em diversos meios de comunicação. Este processo, por um lado facilita bastante as vidas das pessoas e, por outro, exige que elas se tornem cada vez mais críticas em relação ao conteúdo que lhes é repassado e absorvido, diariamente.

Desse modo, necessário se faz refletir sobre o papel dos recursos tecnológicos e das mídias sociais dentro das escolas públicas, bem como pensar qual a postura que a professora e o professor podem adotar frente a todas essas mudanças e melhorias. É preciso refletir sobre o que elas podem proporcionar dentro do processo do ensino evidenciando as desigualdades extremas onde parte

da população não tem acesso às novas mídias sociais e nem aos recursos tecnológicos, tão necessários, neste momento atual.

Diante desse contexto, um novo paradigma está surgindo na educação, e o papel do/a professor/a, frente às novas tecnologias, será diferente. Com as mídias sociais e os recursos tecnológicos, as novas possibilidades de acesso às TICs se descortinam e, na prática pedagógica, isso fará com que o professor e a professora possam ter à sua disposição um conjunto de atividades didático-pedagógicas. Estas constituem-se em jogos, elaborações de jornais escolares, vídeos e práticas coletivas que permitem a prática de competência co-autoral. Essas atividades pedagógicas são capazes de disseminar conhecimento, de compartilhar conteúdos tais como opiniões, conceitos, experiências e outras atividades.

A educação é de grande relevância para a compreensão dos acontecimentos sociais, se os observarmos, na linha do tempo. Dentro dessa visão é de suma importância o uso das mídias sociais e dos recursos tecnológicos, pois estes recursos são um atrativo importante para os/as adolescentes de todas as classes sociais. De modo geral, esses recursos tecnológicos já fazem parte do dia a dia das alunas e dos alunos.

O reconhecimento de uma sociedade cada vez mais tecnológica deve ser acompanhado de conscientização e alteração no ambiente escolar, incluindo nos currículos escolares as habilidades e as competências para lidar com as novas tecnologias. Pontuamos, portanto, que na sociedade do conhecimento, a educação exige uma abordagem contextualizada onde o componente tecnológico não pode ser ignorado.

No que diz respeito à prática educacional, é importante olhar para as novas tecnologias e para as mídias sociais como aliadas, no processo de ensino-aprendizagem. Com elas podemos diversificar a metodologia de ensino e, assim, tornar as atividades mais atraentes para as alunas e os alunos, dando a eles a oportunidade de expressão e de participação, através dos mesmos. De várias formas, as mídias sempre estiveram presentes no contexto educacional, embora por diversas vezes houvessem ocorrido resistência em relação à sua utilização, na escola, por diversos fatores.

A era digital pode possibilitar aos/as professores/as o estabelecimento de uma rede de comunicação, informação e formação entre a escola e o cotidiano em que os indivíduos partícipes estão inseridos, fazendo com que elas e eles possam

associar-se à teoria com as suas vivências apreendidas e aprendidas no seu dia a dia, estabelecendo, assim, relações e fazendo comparações e traçando caminhos a fim de aumentar seu interesse e despertar sua criticidade. Este aumento e velocidade das da informação levam a novas organizações de trabalhos e a novos saberes.

Todas essas inovações são muito importantes na vida das pessoas, portanto, a educação deve estar atenta a todas estas mudanças para acompanhar o ritmo veloz em que a sociedade vai se transformando. O ensino pode ser uma ponte para mediar este diálogo entre acontecimentos sociais e relações, via rede, e as possíveis implicações na vida das pessoas. As relações com as mídias sociais e com os recursos tecnológicos, assim como as relações familiares e de trabalhos estão sendo profundamente alteradas e modificadas, o que leva a história a tecer relatos que estão sendo escritos pela humanidade, deste século. Para Moran (2013, p. 10), “Podemos aprender estando juntos fisicamente e também conectados, podemos aprender no mesmo tempo e ritmo ou em tempos, ritmos e formas diferentes”.

Tradicionalmente, a sociedade atribui às instituições escolares a responsabilidade da formação da personalidade do indivíduo, tendo em vista, a transmissão da cultura e do conhecimento acumulado historicamente. Muitas vezes, as crianças chegam à escola sem a formação inicial, sem lidar com os não, sem saber se alimentar sozinha, sem autonomia nenhuma.

A educação é de suma importância para a aluna e o aluno do ensino médio, de escola pública. Os ensinamentos vão além dos livros, os conhecimentos pessoais adquiridos vão acompanhá-los, no decorrer de suas vidas, mas para que isso ocorra necessário se faz o uso de um bom material didático e de dedicação da equipe escolar em parceria com a família. Para Rusen (2001, p. 58) o ensino permite que o aluno e a aluna façam uma leitura histórico social do ambiente em que estão inseridos para entenderem o funcionamento da sociedade, assim como compreenderem os seus direitos e deveres, como ser social.

Portanto, se, de um lado, temos o professor frente a esse desafio constante de se adequar e estar preparado para o universo multimídia, passando da posição de “centralizador” para a de “condutor do aprendizado” de maneira que possa tornar mais atraente e dinâmico o ensino como nos traz as metodologias ativas, temos, por outro lado, temos jovens estudantes ativos e dinâmicos “multiconectados” e

“multifuncionais”. Esta geração Internet, não depende da mesma forma, necessariamente, dos instrumentais convencionais antes utilizados para formar as gerações anteriores. Vivemos, hoje, em uma realidade em que o quadro de giz está sendo gradualmente substituído pelas telas dos celulares que, com um clique, torna disponível todas as informações que antes eram restritas a um pequeno grupo de pessoas, daquele determinado espaço e agora pode se expandir a outros contatos, a outros mundos, a outros campos de saberes.

Com essas questões e reflexões em vista, é importante e necessário a diminuição da dicotomia entre esses universos de saberes, incentivando a prática e o compartilhamento de experiências que possam enriquecer a aprendizagem. Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo promover reflexões sobre o uso das mídias sociais e dos recursos tecnológicos no ensino médio, tendo como base as pesquisas teóricas e, também, as observações realizadas pela pesquisadora em sala de aula do Colégio Estadual Castro Alves. Esta é uma escola pública da rede estadual que leva em conta a prática adotada pelo/a educador/a frente a todas as mudanças e melhorias que podem proporcionar à aluna e ao aluno, dentro do processo ensino aprendizagem. Também, refletindo sobre o acesso dos alunos e das alunas a estes recursos presentes, no mundo atual, a presente pesquisa busca responder às seguintes indagações: As escolas públicas estaduais hoje, apesar da era de novas tecnologias que estamos vivendo, ainda têm dificuldades de proporcionar aos educandos e educandas acesso às mídias sociais e aos recursos tecnológicos? Essa deficiência também se estende aos/as professores/as que desenvolvem o trabalho na sala de aula? O/A professor/a tem acesso à internet, nas escolas públicas, para uso em sala de aula? Quais as consequências que esses fatos proporcionam ao desempenho dos/as professores/as e, conseqüentemente, à aprendizagem dos alunos e alunas?

Essas investigações contemplam as pesquisas bibliográficas e, na Web, para evidenciar os temas ligados às mídias sociais e ao uso dos recursos tecnológicos à luz dos estudos de Moran, Rusen e Lévy, dentre outros autores que versam sobre as TICs. Nesse sentido, reafirmamos que a pesquisa bibliográfica também faz parte dos procedimentos desta investigação. A pesquisa é fundamentada, também, nos documentos normativos que regem as leis educacionais do Brasil e que asseguram os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Desse modo, temos a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, os

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, o Plano Nacional da Educação de 2014 e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC de 2017.

Com esta reflexão, o capítulo I foca a história cultural como contexto das redes sociais que possibilita perceber e refletir a sociedade, o ambiente, as pessoas e as teias culturais que permeiam as relações humanas. Parte-se do pressuposto de que relatos de uma história vivida e, acima de tudo pesquisada, são a história de alunos e de alunas da escola pública, o que ajuda no entendimento, das transformações coletivas, desses anos de pandemia. Isso nos faz refletir sobre a história do tempo presente, tendo como seu centro os acontecimentos em tempo real, fazendo uso da escuta, do olhar apurado e do acompanhamento dos fatos novos.

O capítulo II, aborda a pandemia que assolou o mundo, com suas avalanches e impôs mudanças à sociedade sem que houvesse planejamento, lei e preparação, no ano de 2020. Traz, ainda, reflexões sobre as redes sociais e a educação, a partir das tendências e exemplos sobre as dificuldades encontradas no âmbito do universo pedagógico. Também, nesse capítulo, aprofunda-se a discussão sobre mídias sociais e recursos tecnológicos para conhecermos seus usos na educação, na sala de aula, e como os/as docentes estão se adequando à nova geração digital, bem como estão pensando algumas linhas e reflexões sobre a escola do futuro.

Os dois capítulos discutem e apresentam as tendências do cenário atual a respeito da geração digital: definições, características, como os/as alunos/as aprendem, a geração de conhecimentos e alguns exemplos de uso de tecnologias que trouxeram transformações para a sociedade. Buscamos apontar os indicadores que podem contribuir com o dia a dia da sala de aula e, na busca por novas metodologias. Também, tentamos compreender de forma dinâmica o fenômeno das redes sociais, no que tange à discussão do uso das novas tecnologias na educação, e o acesso dos alunos e das alunas a estas novas tecnologias.

O problema levantado, inicialmente, é sobre o uso das mídias sociais e dos recursos tecnológicos no ensino em nível médio, suas vantagens e desvantagens, e como fazer uso destes recursos de uma forma centrada em educação. O acesso a todos os professores e a todas as professoras com equipamentos e internet disponíveis tem o propósito de trazer conteúdos interessantes, motivadores e prazerosos para as alunas e os alunos do ensino médio, tais como os jogos, as pesquisas, as salas de aula diferenciadas, e outras formas de aprendizagem.

Consideramos que as mídias sociais e os recursos tecnológicos foram criados para facilitar a vida das pessoas. Nesse sentido, encontramos várias utilidades desses recursos, e, dependendo do propósito do usuário, eles oferecem um mundo muito rico de possibilidades de ensinamentos e de aprendizagem. As mídias sociais e os recursos tecnológicos podem ser usados também para salvar vidas, isso é visto, através das pesquisas em laboratórios, realização de exames para tratamento de saúde, cirurgias, fabricação de medicamento e, ainda, para expor ideias e descobertas realizadas em vários outros setores das ciências, das artes, da vida e outras áreas relacionadas ao mundo e à existência humana. Enfim, as suas utilidades são inesgotáveis, apesar de existir o lado negativo, como no caso do cyberbullying, da pedofilia, da preparação de crimes e para confecção de armas, roubos de dados dos usuários e muitos outros males.

CAPÍTULO I: A EDUCAÇÃO E A TECNOLOGIA: NOVOS DESAFIOS

No decorrer desta pesquisa que tem como objeto a inserção das mídias sociais e usos dos recursos tecnológicos na educação, o mundo foi assolado pela pandemia, a partir deste momento fez-se necessário abordar o momento que estamos vivendo de incertezas, dúvidas e para completar o negacionismo. As escolas públicas e particulares foram fechadas, as aulas a partir de março de 2020 passaram a ser online, pois foi decretado o isolamento social, esta restrição mexeu profundamente com a vida das pessoas, com as nossas vidas.

Hábitos foram mudados muito rapidamente, todos tiveram que reorganizar suas vidas. Junto com tudo isso se intensificaram as regras sanitárias, pois desde o início da pandemia junto com o isolamento social veio as orientações de lavar as mãos com freqüências e corretamente, usar álcool gel, ter cuidados de higiene ao voltar para casa e ao comprar e consumir alimentos. Além é claro do uso diário da máscara que virou o modelo da moda até agora.

No mundo inteiro os casos de Covid-19 ainda são muito preocupantes, com muitos lugares alternando queda e ascensão dos casos. E mesmo assim com um número alarmante de infectados e milhares de mortes, mesmo diante dessas evidências todas ainda existe uma parcela da população, que não aceita esta dura e difícil realidade e ainda continua desacreditando e negando a realidade presente nos nossos dias. A chegada da vacina no Brasil inicialmente foi um tanto conturbada, mas segue em pleno curso com a maior parte da população já vacinada, apesar dos percalços.

Diante desse caos foi necessário abordar a pandemia e o dia a dia que estávamos vivendo, então além das mídias sociais passamos a buscar outras fontes de estudos que foram agregados a esta pesquisa, com isso buscamos a história cultural que nos traz luzes, na interpretação das relações sociais, nos costumes e nas mudanças que ocorreram com a pandemia em pleno curso. O isolamento social, levou o mundo todo a uma ruptura sem precedente e sem que ninguém estivesse preparados para essa nova realidade.

Em dado período e lugar, cada um e cada uma buscava respostas para a nova realidade, pois nesta pandemia as nossas bases foram abaladas, diante das

incertezas e falta de transparência, acreditar em quem? Esta era a pergunta que se faz diariamente.

Pesavento (2012, p. 93) diz que “os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portanto já um significado e uma apresenciação valorativa.” Neste momento de incertezas, de mudanças vemos a importância da cultura de uma sociedade. Com ênfase neste contexto percebemos que a história cultural é levada com cada pessoa por onde ela andar, como parte do passado dela.

Pois a cultura inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos, além das relações familiares, a língua, as tradições, as religiões e tudo que envolve o ser humano, o seu lugar de origem, o mundo, o meio ambiente. E traz no seu bojo uma enorme contribuição neste momento que estamos vivendo, além é claro de nos ajudar a entender melhor esta realidade com análise profunda e com sabedoria.

Com todas as mudanças culturais acontecendo as pessoas, que estão vivendo esses tempos de pandemia tem passado por várias incertezas, pois o impacto produzido pela pandemia sobre os modos de vida e a consciência das experiências socioculturais na quarentena, sobretudo o estabelecimento de contatos e relações sociais por mediação preponderante das mídias digitais. Ao mesmo tempo é um momento de confronto com o nosso lugar de testemunhas oculares de um evento histórico disruptivo e incerto. Mas também são momentos de autorreflexão sobre o nosso papel no mundo atual.

Felizmente, a tecnologia está presente no cotidiano da maior parte das pessoas, o que garante o contato, a convivência virtual, que já alivia as saudades e preocupações. Chama atenção a propósito, a análise dos impactos das tecnologias digitais na profusão documental e nas formas de arquivamento contemporâneo que a pandemia, exatamente incrementou e ficará como registro para conhecimento das gerações futuras.

1.1. A HISTÓRIA DA CULTURA E DA TECNOLOGIA

No contexto em que vivemos, frente à Pandemia, fez-se necessário ampliar nossos estudos sobre o uso de recursos tecnológicos e a divulgação desse conhecimento. Com isso, é pertinente abordar também a história cultural, discutindo alguns aspectos desta, visto que, no decorrer do texto, são abordados conceitos e costumes, relações sociais e suas mudanças diante desta situação única de contágio que assolou o mundo.

Ressalta-se, neste estudo, também a alteração histórica como um todo, já que o cenário atual acontece pela primeira vez em nossa sociedade. É importante falarmos da realidade, já que ela se vê modificada e, completamente alterada para proteger a saúde pública. A cultura vem apresentando mudanças que, por fazer parte do nosso dia-a-dia, estas irão definir formas de comportamento a partir de agora, de modo ainda inimaginável.

A história cultural ocupa-se com a pesquisa e representação de determinada cultura em dado período e lugar. Ela não se dedica diretamente à história política ou à história oficial de países ou regiões. Na história cultural a cronologia não é tão relevante quanto na historiografia política. São elementos da história cultural: as relações familiares, a língua, as tradições, a religião, a arte e algumas ciências.

A história cultural, ao menos em sua definição comum a partir da década de 1970, frequentemente, combina as abordagens da antropologia e da história para olhar as tradições da cultura popular e interpretações culturais da experiência histórica e humana. Isso baseia-se na crença do iluminismo de que devemos observar e estudar a evolução do ser humano e da sociedade como um todo, focando as interações e as mudanças do que lhes acontecem, no decorrer do tempo.

O historiador Peter Burke, em seu livro “O que é História Cultural?”, para fins didáticos, caracteriza a História Cultural em quatro fases: 1ª – História Clássica, de 1800 a 1950; 2ª – História Social da Arte, que começou na década de 1930 a 1940; 3ª – redescoberta da História da Cultura Popular, em 1950 e 1960 e a 4ª - Nova História Cultural, a partir dos anos de 1970 (BURKE, 2004, p. 15).

Para Cevalco (2003, p. 24):

A partir da década de 1960 houve outra virada semântica no conceito de cultura, enfeixando mudanças na organização social de um mundo conectado pelos meios de comunicação de massa, onde profundas transformações econômicas e políticas acabaram por enfraquecer um projeto coletivo de mudança social. O momento é de transformações profundas.

Com isso, vemos que é notável a concordância entre os autores ao descreverem o marco cultural ocorrido na década de 1960, por meio de todas as mudanças socioeconômicas da época.

Ainda para Cevalco (2003, p.24):

...o movimento que ora acontece: “Viva a diferença” e “abaixo o universalismo” parece ser as novas palavras de ordem em uma época a que se convencionou chamar pós-moderna, como se tudo tivesse ultrapassado o contemporâneo. Nesse novo momento, a Cultura, com? Maiúscula, é substituída por cultura no plural. O foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais.

Assim, destaca-se o possível conflito que surgiu, demonstrando o embate entre as diferentes culturas, em razão de sua origem e características.

Vejamos também o que diz Burke:

As preocupações da história da cultura popular são explicadas pela ausência destas nos estudos da História Cultural e é Stuart Hall do Centro dos Estudos Culturais Contemporâneos que lança críticas à ênfase na alta cultura. Enfim, será a história cultural e não a cultura popular que levantará problemas que não se podia mais escamotear. (BURKE, 2004, p.2).

Com isso podemos entender segundo Cevalco (2003, p.25) que “a cultura não mais transcende à política como um bem maior, mas representa os termos em que a política se articula. Como lembra Edward Said, “a cultura é o campo de batalha nas quais causas se expõem à luz do dia e lutam umas contra as outras”.

O homem e a mulher vivem em várias dimensões no espaço, ambiente natural, e exercem neles, uma interminável influência. Ambos são membros de uma sociedade cada qual com seu(s)/a(s) companheiro(s)/a(s), cooperando uns com os outros para a manutenção de seu grupo, porém eles/elas não são os únicos a fazer isso. O que distingue o homem e a mulher dos outros animais é a cultura. É ela que reúne tudo isso, proporcionando assim, ao ser humano, o meio de se adaptar às complexidades do mundo em que nasce.

Existem muitas definições de cultura, e entre elas está a de Herskovits (1948, p. 27) que destaca que:

...a cultura é a parte do ambiente feito pelo homem, nela está implícita que a vida do homem transcende em dois cenários: o habitat natural e seu ambiente social. Para entender a natureza essencial da cultura é preciso entender que cultura é universal na experiência do homem, que ela é estável e também dinâmica, que está em constante mudança e que cultura enche e determina amplamente o curso de nossas vidas e raramente interfere, no pensamento consciente.

Assim, vemos a importância da cultura de uma sociedade que a representa e demonstra sua identidade, um retrato de sua história, desafios e conquistas.

Como exemplo desta identidade, temos a língua e suas leituras, fatores estes, que tornam uma determinada sociedade capaz de difundir conhecimentos construídos ao longo de sua existência. Por meio da leitura e da escrita, além de aprendermos bastante sobre determinados assuntos, também nos é possível além de ensinar, propagarmos as características culturais de um povo, de uma nação.

Chartier (1991, p. 178 e 179) considera que:

A leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos. Longe de uma fenomenologia da leitura que apague todas as modalidades concretas do ato de ler e o caracterize por seus efeitos, postulados como universais, uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura. O procedimento supõe o reconhecimento de diversas séries de contrastes. De início, entre as competências de leitura. A clivagem, essencial porém grosseira, entre

alfabetizados e analfabetos, não esgota as diferenças na relação com o escrito. Os que podem ler os textos, não os leem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que leem para poder compreender, só se sentido à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas. Contrastes igualmente entre normas de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação. Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler. De tais determinações, que regulam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação como escrito.

Como visto acima, a leitura do mundo e a análise de contrastes e expectativas tornam-se importantes, uma vez que possibilitam tecer a diferença entre indivíduos alfabetizados e aqueles que não sabem ler. Isso demonstra a importância de interpretação e representação, para que esse conhecimento possa vir a ser divulgado.

Para Cevalco (2003, p.25):

Esse novo movimento, por um lado, deitou por terra as pretensões à neutralidade e à inocência da cultura. Por outro, estreitou a noção do político, reduzida agora a uma prática cultural e à defesa do particularismo de diferenças culturais. Esse estreitamento acaba aproximando os estridentes ativistas culturais pós-modernos dos combativos defensores da cultura como refúgio dos negócios do espírito, o reino onde seríamos todos humanos juntos e a partir do qual se julgaria a sociedade e, a longo prazo, se a modificaria. Ambos de lado, por exemplo, o domínio da economia e da coerção do poder do estado que a serve. São estes, no fim das contas, que articulam as mudanças sociais na direção de seus interesses.

A situação acima descrita justifica a aproximação da política e da cultura, fazendo com que problemas existentes na sociedade, muitos em razão de diferenças culturais, passama ser problemas de todos. Assim, a situação cultural

influencia diretamente e de forma íntima no cenário político, mesmo que de forma forçada, buscando mudanças positivas.

Segundo Pesavento (2012, p. 45):

...as alterações ocorridas no âmbito da História, porém, datavam de bem antes, se levarmos em conta o panorama internacional. Podemos, talvez, situar os sintomas da mudança nos anos 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da New Left, em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz do mundo pós-guerra. Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História.

Nesse período, notamos todas as mudanças históricas que vêm acontecendo, mudanças forçadas por esses movimentos, de modo a modificar o cenário cultural, drasticamente. Sendo assim, os paradigmas que haviam sido definidos caem por terra, dando luz aos novos ideais e características de um cenário cultural, completamente, modificado.

Ainda segundo Pesavento:

De certa forma, podemos, por um lado, falar de um esgotamento de modelos e de um regime de verdades e de explicações globalizantes, com aspiração à totalidade, ou mesmo de um fim para as certezas normativas de análise da história, até então assentes. Sistemas globais explicativos passaram a ser denunciados, pois a realidade parecia mesmo escapar a enquadramentos redutores, tal a complexidade instaurada no mundo pós-Segunda Guerra Mundial. (PESAVENTO, 2012, p. 10).

Fatos históricos fazem parte da nossa memória. Mesmo quando não os vivemos, tomamos para nós o ocorrido como se tivéssemos feito parte daquele fato. A história cultural é levada conosco por onde vamos, como parte daquilo que representa o nosso passado e simboliza nossas raízes. Somos levados a isso por meio de informações que recebemos e vamos agregando às nossas memórias.

Assim vejamos:

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como, resultando

sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade. Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser – percebido constitutivo de sua identidade.” (CHARTIER, 1991, p. 183 e 184).

A análise de memória social e memória individual é um tanto ilusória quanto fascinante, pois não se pode analisar uma sem que se analise a outra, visto que ambas estão ligadas, formando a história e a cultura de um povo. Sabendo-se que a história é relatada através de historiadores/as, seguindo sempre um conhecimento histórico a partir de uma noção ou conceito sobre aquela determinada “História - realidade”, utilizamos pressupostos ou até mesmo memórias tendo, assim, uma relação entre conhecimento e realidade, transformados em uma produção histórica.

Chartier (1991, p.177) salienta que:

Enfim, ao renunciar ao primado tirânico do recorte social para dar conta dos desvios culturais, a história em seus últimos desenvolvimentos mostrou, de vez, que é impossível qualificar os motivos, os objetos ou as práticas culturais em termos imediatamente sociológicos e que sua distribuição e seus usos numa dada sociedade não se organizam necessariamente segundo divisões sociais prévias, identificadas a partir de diferenças de estado e de fortuna. Onde as novas perspectivas abertas para pensar outros modos de articulação entre as obras ou as práticas e o mundo social, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade e à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos partilhados.

O termo diversidade diz respeito à variedade e convivência de ideias, características ou elementos diferentes entre si, em determinado assunto, situação

ou ambiente. Cultura (do latim cultura, cultivar o solo, cuidar) é um termo com várias acepções, em diferentes níveis de profundidade e diferentes capacidades de agir. Cultura são práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço/tempo, referindo-se a crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e “preenchem” a sociedade. Cultura explica e dá sentido à cosmologia social, ela é a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período. Cultura é por conseguinte, o que insere o indivíduo num meio social.

Assim explana Brandão:

A cultura surge das relações que os homens travam entre si e com o meio em que vivem, em busca da própria sobrevivência. É um produto do trabalho do homem e de tal forma inerente à sua vida, que podemos afirmar que não existe ser humano sem cultura, bem como que todo ser humano é produto de sua cultura. Em outras palavras, o homem é produto e produtor da cultura (BRANDÃO, 1990, p.52).

Percebemos também que a cultura pode ser feita por meio de instrumentos materiais e, também, através de conhecimento e representação. Nesse diapasão, a tecnologia se torna uma das formas de disseminar essas características culturais, permitindo o avanço tecnológico e o aumento da relação entre diferentes culturas por meio de seus produtos. Recorremos a Pesavento (2012, p. 93) que diz “cultura é uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica”

Ainda afirma Brandão:

A cultura compreende os bens materiais, de um modo geral, como utensílios, ferramentas, moradias, meios de transporte, comunicação e outros. E também os bens não-materiais, como as representações simbólicas, os conhecimentos, as crenças e os sistemas de valores, isto é, o conjunto de normas que orientam a vida em sociedade. A cultura não é sempre a mesma. Apresenta formas e características diferentes no espaço e no tempo. (BRANDÃO, 1990, p. 53).

Burke (2004, p.32), salienta que “as fontes e seu tratamento, os métodos e as conclusões que têm confiabilidade relativa, por serem produzidas e selecionadas

com alto grau de condicionamento são assim, acusadas de impressionistas.” Ele chama atenção de seus leitores dizendo que:

...as críticas dos marxistas é que a História e cultura “ficam no ar”, falta relação com a base econômica ou social, subestima-se a homogeneidade cultural, e os conflitos de culturais distintas numa mesma sociedade. Crítica dos marxistas culturais por seus colegas por colocar cultura na base: Chamados de cultura – listas, pois colocam a cultura como superestrutura ao contrário dos economicistas. (2004, p. 37).

É importante salientar que, a cultura sendo difundida por meios materiais, traz a necessidade de se rever quais valores são passados ao ser humano. Não podemos simplesmente reproduzir o que se é usado, mas passar todo o seu contexto, bem como os costumes e práticas. Um objeto por si só não representa nenhum valor, é necessário transmitir o motivo pelo qual se dá seu uso, bem como a influência que este tem na vida dos indivíduos que o utilizam.

Nesse contexto, Cevasco afirma que:

...o materialismo cultural vem mudar não só o que se estuda, mas também, de forma crucial, como se estuda. Se a cultura é produção e reprodução de valores, é preciso rever muita coisa. Para começar, o materialismo cultural não considera os produtos da cultura “objetos”, e sim práticas sociais: o objetivo da análise materialista é desvendar as condições dessa prática e não meramente elucidar os componentes de uma obra. (2003, p. 148).

Os novos ideais fazem com que a cultura se torne um agregado de sentidos e crenças definidos pela sociedade e seus costumes, formados pelos indivíduos que dela fazem parte. Dessa forma, a história e a cultura têm sua relação modificada, não mais se restringindo a modelos antigos.

Pesavento lembra que:

...se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural, como o faz Lynn Hunt, é porque está dando a ver uma nova forma de a História trabalhar a cultura. Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e

construídos pelos homens para explicar o mundo. (2012, p. 55).

Essa nova forma de relação da cultura e da história dá a conhecer como estas são contadas. A criação de documentos e divulgação da linguagem se encontram em destaque, visto a facilidade de sua preservação e sua singularidade, já que cada sociedade encontra sua forma de se expressar e armazenar conhecimento.

A História segundo Costa & Viana:

...se manifesta nas sociedades humanas, principalmente, na forma de documentos escritos, de representações imagéticas e como oralidades interpessoais ou coletivas. Como um produto da ação humana seus fatos marcam gerações posteriores, desde tempos imemoriais até o nosso contemporâneo. Nesta longa trajetória, nem sempre os suportes físicos de determinados eventos perduram, e a história se limita a traços do que foi, ou do que aconteceu. (2019, p. 3).

Como já foi visto anteriormente, a cultura de um povo pode ser encontrada no que ele produz, seja conteúdo de conhecimento subjetivo ou por práticas concretas de suas criações. A produção de materiais e objetos é fortemente influenciada pelas características de cada sociedade, e esses produtos guardam traços culturais que os definem.

Ainda, segundo Costa e Viana:

Se buscarmos uma correlação entre materialidade e cultura material, vemos, que a primeira é mais ampla, compreendendo também o sentido dos elementos que não foram, pelo menos num primeiro momento, culturalmente determinados. A segunda é constituída por símbolos com potencial para agenciar o modo pelo qual - grupos humanos, ao longo dos tempos organizam e avocam a própria vida social. (COSTA & VIANA, 2019, p. 4).

Para a história, a materialidade é um testemunho que concretiza um fato, ou seja, a parte documental de um evento do passado que pode ficar guardado em um arquivo até ser recuperado, no presente. Muitas vezes, separada da história, a arqueologia por muito tempo foi vista como uma forma ilustrativa de investigação do ocorrido e, que, contribui à medida que propicia “novas” leituras sobre o que já se sabe, seja de uma forma confirmatória, complementar ou contraditória.

Para BARROS (2014, p. 152):

...teremos na Teoria da História um modo específico de abordar a história que teria surgido na mesma época em que começaram a se consolidar as propostas de assegurar uma cientificidade para a História (o que teria ocorrido, conforme discorreremos, a partir da passagem do século XVIII para o século XIX). Essa acepção mais geral de Teoria da História também gera, no interior da própria História (aqui entendida como disciplina e forma de conhecimento), um âmbito específico de estudos historiográficos que é o da Teoria da História como disciplina curricular e como espaço de reflexão no interior da própria história.

Também, nesse sentido, afirmam Costa & Viana que:

A Nova História Cultural, por sua vez, também vai fazer uso das fontes materiais, mas sem se prender a uma cronologia específica. Monumentos vão ser, num primeiro momento, os principais pilares desta materialidade que exerce uma grande influência sobre as memórias coletivas. Realizada desde o século XIX, a História Cultural passou por diversas fases, mas sua principal articulação foi, com a antropologia. Não sendo, portanto, essencialmente um campo de prática exclusivo dos historiadores, a História cultural, assim como a Arqueologia, atua num espaço multi e interdisciplinar. (COSTA & VIANA, 2019, p. 5).

Com todas essas mudanças culturais acontecendo, o ser humano como indivíduo passa a ser objeto de estudo e desenvolvimento, visto que a sociedade é composta pelos indivíduos, e cada um soma, com suas características próprias, para o desenvolvimento de todos. Sendo assim, cada sociedade é única e passa a querer sempre mais e mais produção de conteúdo para acumular conhecimentos e bens.

Também, explana Burke que:

A aproximação da antropologia dos historiadores da Cultura e da econômica destacam a importância dos valores para explicar a produção acumulação e consumo; em verdade todas as áreas passam a considerar a questão cultural. Os historiadores foram influenciados por este conceito no plural: culturas. (BURKE, 2004, p. 46).

Já que o ser humano passa a ser o foco de estudo, é necessário analisar a posição de cada grupo social, sua influência e definição, para que este possa, então,

influenciar a sociedade em que vive. Dessa forma, a visão da “minoría” social passa a ser investigada e detalhada na História, com uma nova forma de descrever a mesma, focando na sociedade como um todo, com os seus grupos influentes e sua parte minoritária.

Segundo Burke (2004, p. 97):

...a revolução na história cultural (NHC) desenvolveu-se a partir da antropologia história e suas principais figuras são: Natalie Davis, Jaques Le Goff e Keith Thomas e embora criticada, os pressupostos teóricos da Nova História Cultural e das representações coletivas como construções culturais da realidade, mantêm-se em sua ênfase.

E ele continua salientando que:

...há um deslocamento da história cultural para a “história cultural da sociedade” e para construção da realidade criada, onde a linguagem já não é tanto o reflexo o objeto e as histórias têm uma variedade tão diversa quanto os pontos de vista escolhidos: “vista de baixo”, “a visão dos colonizados” “a visão dos derrotados” “classes subalternas” “das mulheres” etc. É a invenção da realidade e o fim do determinismo. (BURKE, 2004, p. 99).

Assim, vemos que a cultura se torna uma ferramenta que caracteriza e identifica uma sociedade, mas, demonstra também, os seus problemas. Como afirmado acima, os grupos da minoría passam a ter influência cultural, e com isso, expõem os problemas sociais, ou parte deles, o que auxilia a demonstrar como determinada sociedade pode melhorar.

Cevasco (2003, p. 42) salienta que:

...mesmo quase cinqüenta anos após a codificação da cultura em comum, ainda falta, muito para que seus pressupostos orientem a discussão pertinente sobre como melhorar a cultura que temos em direção à sociedade que precisamos ter para sobreviver coletivamente com dignidade. Nem mesmo no interior dos próprios estudos culturais contemporâneos, como veremos, essa aspiração permanece como o horizonte intransponível de uma política cultural relevante.

Ainda nesse sentido, afirma Burke (2004, p.147) que:

De qualquer forma há problemas na relação entre cultura e sociedade e não pode perder de vista as estruturas

políticas e econômicas. Como a Nova História a NHC se ampliou. Novos objetos, novos problemas, novas abordagens, novas fontes, mas tudo carece de definir métodos: se observação, quantitativos ou não. A fragmentação é outra questão da cultura como base de conflitos dos grupos sociais ou de indivíduos, e se o estudo desses grupos pode sustentar conclusões gerais.

Esse novo modelo de se contar a história proporciona que o indivíduo relate seu próprio problema e descreva suas aflições e conquistas, dando espaço para que cada um compartilhe suas experiências.

Burke (2004, p. 157) chama atenção considerando que:

...a narrativa na História Cultural: antes ligada à visão tradicional, a narrativa volta para dar voz às pessoas comuns, histórias de vida, narrativas culturais suas estruturas e versões que inferem sobre a percepção do leitor. O desafio é fazer isto sem dar a história um enredo triunfalista e enfatizar a crítica e o conflito de visões e de sentido de cada narrativa.

Como toda mudança drástica, essa nova forma de se relatar a História trouxe consigo críticas e desafios. É natural que ao se destacar grupos desfavorecidos ou demonstrar as fraquezas de uma sociedade, diversas críticas e opiniões contrárias seriam apresentadas, o que dificultou uma imediata descrição histórica.

Pesavento (2012, p. 19) salienta que:

...a presença da História Cultural assinala, pois, uma reinvenção do passado, reinvenção esta que se constrói na nossa contemporaneidade, em que o conjunto das ciências humanas encontra seus pressupostos em discussão. Pode-se mesmo aventar que a História tenha sido uma das últimas ciências humanas e enfrentar essa revisão de pressupostos explicativos da realidade. Mas, quando realizou essa tarefa, produziu mais alarde e contestação. Mais críticas e ataques, de alas de órfãos ou ressentidos, que se julgam abandonados pela Musa, seduzida por uma nova moda.

Ainda afirma Pesavento que:

Apesar desses ataques e acusações, houve uma nítida transformação da História. Entretanto, entendemos que, de uma forma geral, todos trabalham com a mesma idéia do resgate de sentidos conferidos ao mundo e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas. Se estamos em busca de retraçar uma postura e

uma intenção partilhada de traduzir o mundo a partir da cultura, é preciso descobrir os fios, tecer a trama geral deste modo de fazer História, prestar atenção em elementos recorrentes e, talvez, relevar as diferenças entre os autores, o que, sem dúvida, é um risco. Assumimos esse risco. (PESAVENTO, 2012, p.18).

A descrição de problemas e defeitos sociais gera, também, um desejo de realçar os pontos positivos de um povo, falando não só do que foi feito de errado, mas demonstrando, também, o lado positivo. Isso invoca um nacionalismo nas produções, ao se buscar focar no que existe de melhor, ao planejar para um futuro próspero, sempre que se almejam melhorias no sentido de diminuir os defeitos.

Nesse sentido, a autora relata que no decorrer da primeira metade do século XIX:

O espírito romântico produziu historiadores preocupados em escrever histórias nacionais, que fossem atrás da captura do espírito do povo, da alma das nações, que recuperassem os heróis com seus grandes feitos e que registrassem a saga da Construção de cada Estado, a demonstrar que o Germe da identidade nacional já estava presente naquele tempo das origens, com os pais fundadores. (PESAVENTO, 2012, p. 25).

Ainda, salienta Pesavento que:

Escrever a História, ou construir um discurso sobre o passado, é sempre um ir ao encontro das questões de uma época. A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado. (PESAVENTO, 2012, p. 25).

Para Chartier (1994, p. 107):

O que toda história cultural deve pensar é, portanto, indissociavelmente, a diferença pela qual todas as sociedades, por meio de figuras variáveis, separaram do cotidiano um domínio particular da atividade humana, e as dependências que inscrevem de múltiplas maneiras a invenção estética e intelectual em suas condições de possibilidade.

A identidade cultural do sujeito moderno apresentava-se, nesse contexto, estável, localizada, naturalizada. O sujeito da modernidade vivenciava sua identidade cultural nacional de maneira horizontal, compartilhava de uma identidade unificada e comum em torno de uma cultura nacional que primava pela homogeneidade, pela igualdade e abominava a diferença e os diferentes.

Pacheco (2004, p.6) lembra que:

A identidade cultural do sujeito atual é muito mais variada, muito mais inconstante, muito mais plural. Enquanto podíamos, por exemplo, falar sobre a mulher da sociedade moderna com certa precisão, já que sua identidade era muito mais homogênea, muito mais centrada e singular, teríamos hoje que falar sobre as mulheres da sociedade atual, visto que não há um único tipo, uma única identidade, um único papel, ou um único lugar que a defina.

As críticas acima descritas, porém, não impediram que a História fizesse progressos ou parasse de se desenvolver. Tais conflitos permitiram que a relação entre a antropologia existente, com foco no indivíduo social, e a análise material trabalhassem em consonância, permitindo uma nova interação e aprimoramento ao relatar a história e cultura social.

Chartier (1994, p.107) salienta que:

Reancorada assim firmemente nas ciências sociais, a história nem por isso pode evitar um desafio: superar o confronto, no fim estéril, entre, de um lado, o estudo das posições e das relações e, de outro, a análise das ações e das interações. Ultrapassar essa oposição entre “física social” e “fenomenologia social” exige a construção de novos espaços de pesquisa onde a própria definição das questões obriga a inscrever os pensamentos claros, as intenções individuais, as vontades particulares, nos sistemas de constrangimentos coletivos que, ao mesmo tempo, os tornam possíveis e lhes põem freios. Seriam múltiplos os exemplos desses novos recortes em que são necessariamente articuladas estruturas objetivas e representações subjetivas. Um deles é o espaço de trabalho que liga crítica textual, história do livro e sociologia.

A evolução histórica permite, também, que o indivíduo tenha destaque no cenário geral, e tenha sua identidade e individualidade retratadas. Isso faz com que

a História relate e represente os sistemas culturais dentro da sociedade, expondo suas diferenças e dificuldades.

Nesse sentido, Silva (2000, p. 6) reflete que:

...a identidade e a diferença estão estreitamente ligadas a sistemas de significação. A identidade é um significado-cultural e socialmente atribuído. A teoria cultural recente expressa essa mesma idéia por meio do conceito de representação. Para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação.

Ao relatar a história de um povo, com suas diferenças e dificuldades, pode-se, portanto, resgatar um retrato mais fiel da sociedade de cada época. Dessa forma, o historiador passa a fazer esse resgate mais realista de cada período, mostrando a sociedade como ela realmente era, seus aspectos e sua formação, trazendo à tona fatos que antes eram perdidos com o passar do tempo.

Pesavento (2012, p. 31) fala que:

O historiador explica, em esforço retórico e pedagógico, imprimindo sentido ao seu discurso. Na busca de construir uma forma de conhecimento sobre o passado, o historiador dá a ler este passado, decifrando-o e dotando-o de uma inteligibilidade. Para o Historiador da Cultura, isso implica ir ao encontro das representações antigas, recuperando os registros do passado na sua irreduzível especificidade, quando os homens falavam, agiam e construía representações do mundo estranhos aos nossos códigos e valores. É nessa medida que o trabalho da História é sempre o de dar a ver um Outro, resgatando uma diferença.

Não podemos esquecer que essa é a grande função de se lembrar e descrever a história relatada, buscar a verdade sobre um povo, descrever de forma fiel sobre sua situação e cultura, seus defeitos e vantagens e, apresentar, no presente, o que acontecia no passado.

Para Chartier (1994, p. 110):

É preciso lembrar que a ambição de conhecimento é constitutiva da própria intencionalidade histórica. Ela funda as operações específicas da disciplina: construção e tratamento dos dados, produção de hipóteses, crítica e

verificação de resultados, validação da adequação entre o discurso do conhecimento e seu objeto. Mesmo que escreva de uma forma “literária”, o historiador não faz literatura, e isto pelo fato de sua dupla dependência. Dependência em relação ao arquivo, portanto em relação ao passado do qual ele é vestígio.

E Chartier (1994, p. 111 e p. 112) continua neste enfoque salientando que:

É certo que o historiador tem por tarefa oferecer um conhecimento apropriado, controlado, sobre a “população de mortos – personagens, mentalidades, preços” que são seu objeto. Abandonar essa intenção de verdade, talvez desmesurada, mas certamente fundadora, seria deixar o campo livre a todas as falsificações, a todas as falsidades que, por traírem o conhecimento, ferem a memória. No exercício de seu ofício, cabe aos historiadores serem vigilantes.

Toda essa mudança traz consigo a necessidade do indivíduo de se destacar, de relatar sua particularidade, suas opções e escolhas, e não se tornar um grupo minoritário ou, ao menos, ter o devido espaço na sociedade. Isso se torna um desafio, até mesmo para as sociedades atuais, de introduzir de forma ampla e igualitária os vários aspectos culturais e sociais, não excluindo os grupos e indivíduos.

Nesse sentido também, salienta Moura:

A diversidade cultural é a diversidade de formas de ser humano e, para ser verdadeira, precisa contemplar o humano para além de cada manifestação particular, superando a tendência a erigir como “oficiais” aquelas formas relacionadas aos setores hegemônicos da sociedade, em termos de etnicidade, de classe ou ainda de padrões de manifestação estética. O único valor capaz de referenciar a diversidade humana é a própria humanidade. Na contemporaneidade, o que se experimenta hoje é a intensificação e radicalização das demandas no sentido de fazer esta humanidade acontecer e se fazer visível de diversas formas, com diversas sonoridades e plasticidades, diversas formas de falar e sentir, diversos gostos e costumes, diversos modos de acreditar e desacreditar. (MOURA, 2010, p. 344).

As mídias sociais e os recursos tecnológicos proporcionaram uma revolução em todas as áreas e a cultura não ficou fora desse contexto. Na cultura, elas geraram uma revolução no modo como as pessoas observam, entendem e se

relacionam com o mundo. Porém, muitas pessoas acreditam que as transformações culturais e o progresso tecnológico são questões totalmente desassociadas, mero engano. Tanto a influência das novas tecnologias na cultura como a interferência do contexto cultural nos avanços tecnológicos, mostram como essas duas vertentes estão inteiramente imersas uma na outra. Portanto, hoje percebemos que as tecnologias tiveram e, ainda, têm potencial para transformar o contexto cultural e, como consequência, modificar a nós mesmos

A cultura compreende o desenvolvimento acumulado ao longo do tempo pela humanidade, portanto, o cultural e o social estão profundamente relacionados. Segundo Vygotsky (1995, p. 23), a cultura é eixo central do desenvolvimento do ser humano e expressão do processo histórico de interação constante entre o sujeito e o meio, provoca diferentes formas de configuração e interação social, uma vez que não é estática e sim dinâmica. Essa dinamicidade é expressa nas constantes transformações do mundo contemporâneo, frente a ressignificação dos tempos e espaços, ao crescente fluxo de informações e aos desafios tecnológicos.

Moura pontua que:

...certamente há muito por fazer no sentido de conquistar e garantir a vitalidade e visibilidade da diferença – dos diferentes - nas sociedades contemporâneas e, em especial, na sociedade brasileira. À medida que, a partir da multiplicidade das manifestações, a diversidade cultural alcança níveis crescentes de publicidade e assim, de certa forma, se legitima, exercitando sobretudo os setores mais jovens de nossas sociedades, amplia-se o aspecto da manifestação do humano.(2010, p. 343).

Todo o desenvolvimento cultural é reflexo da evolução de um povo, e, como demonstrado acima, uma coleção de todo o conhecimento e desenvolvimento, no decorrer do tempo, de um povo. Assim, a educação é um espelho cultural, ao ensinar e propagar todo esse conteúdo. Mas qual a relação da tecnologia nesse ciclo?

Todos os desenvolvimentos tecnológicos e seu contínuo e crescente uso se tornam a maior forma de propagação e interação cultural, na sociedade atual. Um exemplo disso é o processo de globalização, feito por meio da tecnologia, que permite a conexão e comunicação de indivíduos em partes distantes do globo, de

forma constante e instantânea. Tal feito permite que os conhecimentos culturais sejam compartilhados, e a melhor forma para isso acontecer é por meio da educação.

Não há meio que supere a capacidade da educação de propagar o conhecimento cultural, ensinando conceitos e evoluindo aqueles existentes, modificando-se e adaptando-se. A sociedade encontra-se em uma ascensão, com mudanças acontecendo frequentemente, e a educação é um dos mais importantes meios para que isso aconteça, usando os recursos tecnológicos em sua evolução.

A comunicação à distância, a compactação e fácil troca de estudos e de linguagens, a propagação de recursos tecnológicos e seus usos e costumes, as melhorias no dia-a-dia que facilitam ações cotidianas dos indivíduos, conhecimento de auto nível que não é mais exclusivo de uma região, tudo isso são fatores apenas possíveis com o desenvolvimento da tecnologia. Tais fatores são ensinados e desenvolvidos por meios educacionais, proporcionando que o ser humano aprenda mais e cresça com competências capazes de viabilizar mudanças na realidade cultural à sua volta, e que seja capaz de estabelecer mudanças como um todo, afetando, por conseguinte, a sociedade. Tais aprendizagens devem propiciar ao indivíduo discernir aspectos positivos que devem ser mantidos e explorados, de forma paralela, tentando identificar os fatores negativos para modificá-los.

Tais mudanças e reflexões se dão, principalmente, por meio da educação. É, na busca de melhorar a si próprio e de estar no mundo, que o indivíduo busca por mais e melhores oportunidades, no sentido de aumentar o conhecimento individual e coletivo. Essa atitude do ser humano afeta e proporciona positivas mudanças sociais fundamentadas que, com o tempo, ampliam nos veios da cultura. É um ciclo de mudança e consolidação entre aprendizado, propagação, crescimento, consolidação e integração social, que na relação entre educação, recursos e fatores tecnológicos, nomeamos, também por culturas.

1.2. A HISTÓRIA ORAL E O TEMPO PRESENTE

Nesta pesquisa ficou claro que não era possível continuar se não fosse abordado o tempo presente visto que com o surto da COVID 19, foi necessário desviar um

pouco o percurso da pesquisa. Para tanto buscamos Delgado (2003, p. 13) que salienta a importância de “reconhecer o substrato de um tempo é encontrar valores, culturas, modos de vida, representações”. E com a pandemia tudo isso foi abalado nas estruturas, pois famílias foram separadas, o modo de vida foi alterado, a perda de entes queridos deixou vazios, saudades, marcas profundas. Outro ponto foi o isolamento social decretado inicialmente que exigia o compromisso de todos.

Continuando a consultar Delgado (2003, p. 13) que fala de “uma gama de elementos que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas.” A História do tempo presente exprime um fato que ocorre no momento da fala, portanto é um termo para designar o tempo do agora acontecido e vivido. E a resignificação deste tempo e a tentativa de dar significado aos fenômenos logo após eles ocorrerem, sem esperar que a passagem do tempo possa contribuir para um entendimento mais claro e evidente do acontecido. Pois o novo normal trouxe muitos desafios ao mundo todo, alguns desses desafios vão levar um bom tempo para ser superado.

O tempo presente que designa o tempo aqui e agora, e que busca colocar no contexto histórico as sociedades atuais e que soma perfeitamente com a realidade atual vivida e sofrida, mas também não é uma dimensão ligada apenas ao imediato, pois cada pessoa, cada lugar, cada ocorrido tem uma história que é permeada por um passado presente, por lembranças e por experiências.

Ainda não conseguimos dar um basta à esta pandemia, pois ela continua presente entre nós, mas com certeza com os devidos cuidados e com as vacinas disponíveis a partir dos 5 anos de idade até o momento, vamos aos poucos voltando à normalidade. Importante salientar que para desenvolver um trabalho de escrita do tempo presente é necessário exercitar o olhar para ler nas entrelinhas e a escuta para ouvir o dito e o não dito, lembrando que o corpo fala, o ambiente fala, os objetos delatam, o dar direito à fala a tudo isso, inclusive à pesquisadora é de importância ímpar.

Portanto este presente em foco aqui traz desafios, dores, experimentos, dúvidas, mas traz também esperança, avanços e uma constante reescrita. Tempo este marcado por grandes contrastes sociais, por pandemia e por contínuos avanços tecnológicos e suas contribuições. Tudo isso acontecendo ao mesmo tempo. Inclusive abordando a fome, o desemprego, a solidão, a enorme diferença social

presente no nosso meio, a solidariedade. Rememorando as contribuições do mundo contemporâneo com os seus desafios e debates relacionados com o contexto em que vivemos. E o desafio de ressignificação da nossa humanidade, este é o convite.

O tempo presente não é uma dimensão ligada apenas ao imediato, mas sim permeada por camadas de passados, lembranças e experiências, é a tentativa de dar significado aos fenômenos logo após eles ocorrerem, sem esperar que a passagem do tempo possa contribuir para um entendimento melhor do ocorrido.

Assim, tendo em vista nosso cenário atual e único, onde a pandemia assola nossa sociedade, nos impondo diversos desafios, é importante recorrer ao estudo do tempo presente, de forma a compreender as mudanças atuais e nos permitir melhor entendimento, expandindo nosso aprendizado frente à tamanha crise.

A história oral, enquanto metodologia de pesquisa consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. É praticada por historiadores, antropólogos, cientistas políticos e outros estudiosos que usam de seus métodos para embasamento de pesquisa.

De acordo com Ferreira & Amado (1996, p. 12):

Existem diferentes posturas a respeito da história oral. Apesar de ser numerosa a quantidade de pesquisadores que a considerem uma metodologia, ela também é entendida como uma técnica e uma disciplina. A discussão de um status que a defina é uma questão muito comum no campo de estudo que desvenda as possibilidades de utilização. (FERREIRA & AMADO, 1996, p. 12).

A idoneidade da história oral está presente no relato dos acontecimentos da humanidade. É por ela que se faz a transmissão de conhecimento e resgate de culturas e fatos antes esquecidos, o que nos ajuda a divulgar aquilo que antes havia sido deixada de lado, ou que por alguma razão não possuía registros.

Diversas culturas se perdem com o passar do tempo, e diversas histórias só se apresentam por meio da história oral, quando contadas por pessoas que as vivenciaram ou conhecem relatos contados. Assim, esse meio de pesquisa registra esses fatos e os relatam, reconstruindo mais detalhes culturais.

De acordo com Thompson:

A história oral se mostra inovadora ao dar atenção especial a pessoas que são consideradas excluídas da história, como por exemplo, o proletariado, as mulheres e os idosos. (THOMPSON, 1992. p. 44.).

A história oral é um espaço de contato e influência interdisciplinar; é social, em escala e em níveis locais e regionais, com ênfase em eventos e acontecimentos que permitam oferecer interpretações e desenvolvimentos culturais. Sendo assim, a história oral é fundamental por ser uma das bases da educação do tempo presente.

Na atualidade, a história oral ainda se destaca e ganha importância, já que a tecnologia nos permite registrar e verificar seus fatos e relatos, bem como divulgar suas notícias e afetar o cotidiano das pessoas, por meio de pesquisas na rede e novas tecnologias da informação. Há uma demanda social muito alta no tempo presente, que requer desenvolvimento social e cultural, hoje feito por compartilhamento de informações e conhecimento.

As últimas do século XX nos trouxeram tantas e tão profundas mudanças, que a necessidade de mergulhar na história do tempo presente, para além da história do passado, se fez obrigatória para compreender o nosso tempo e, nele, nossas vidas. (SCOCUGLIA, 2007, p. 29).

A história do tempo presente reconstrói a do passado, e nos leva a repensar e avaliar nossos conceitos de pesquisa e relatos na área da educação. Isso nos permite alcançar novos detalhes da história mais recente, sem que estes se tornem fatos esquecidos ou pouco trabalhados.

A história do tempo presente é um campo dos estudos históricos voltado à análise das rupturas e permanências do passado no presente. A história do tempo presente pode ser pensada como mais uma renovação no campo da disciplina História ao deslocar o centro da pesquisa histórica do passado para o presente, colocando problemáticas que partem do presente para a análise do passado.

Deste modo, o que os estudiosos do campo propõem é compreender, a partir do presente, a constituição de permanências e rupturas temporais que, de algum modo, possuem eco ou reverberação na atualidade.

A emergência da história do tempo presente está em consonância com o surgimento de novas políticas de memória, da investigação de traumas nacionais, do crescimento de demandas sociais por políticas de reparação e da revalorização do acontecimento para entender o processo histórico.

Uma evidência dessa nova experiência do tempo está na emergência do desejo por memória, surgido no final do século XX, e que trouxe consigo uma das principais discussões da história do tempo presente: a reinvenção do passado em um tempo de desorientação do presente.

No campo da história do tempo presente relativa à memória gravita-se em torno do desejo de lembrar e de esquecer. Em “uma sociedade cada vez mais conectada, como a do século XXI, e que gera muita informação por minuto, o excesso de lembranças poderia evitar a possibilidade de se olhar para o futuro”. (Huysen 2014, p. 174.)

O entendimento da diversidade temática e de enfoque nas diferentes emergências nacionais da história do tempo presente ajuda a entender que o campo não é isento de tensões e que articula uma série de noções fundamentais e fatores gravitacionais a partir de diferentes focos de análise.

A história do tempo presente está na intersecção do presente e da longa duração. Esta coloca o problema de se saber como o presente é construído no tempo. Ela se diferencia, portanto, da história imediata porque impõe um dever de mediação.

No Brasil, apesar de existirem pesquisadores que utilizaram a abordagem da história do tempo presente antes das décadas de 1970 e 1980, é nesse período que o campo emergiu de maneira institucionalizada. (Rossato & Cunha 2017, p. 163.)

Ainda, sobre a história do tempo presente, no Brasil, “Durante as últimas décadas é visível a consolidação de alguns temas na historiografia brasileira sobre história do tempo presente. Influenciada pelos autores franceses” (MEDEIROS 2007, p. 07), a história do tempo presente no Brasil vem mantendo atenção na análise dos principais eventos que marcaram as últimas décadas do século XX e o início do século XXI.

Nesse sentido, Rossato & Cunha afirmam que:

Se observa também uma ênfase em estudos sobre a história das culturas políticas no contexto da redemocratização e o campo do patrimônio cultural no Brasil. (Rossato& Cunha 2017, p. 165-166.)

Essa nova realidade apresentou problemas novos às ciências sociais, como o estresse, o vício na internet e jogos eletrônicos, a constante necessidade do trabalho (além da tecnologia cada vez mais avançada nas empresas e indústrias), a reconfiguração do espaço urbano com o processual desaparecimento dos locais de encontro nos bairros (padarias, restaurantes, tudo centralizado nos hipermercados), a remodelação da estrutura familiar (com mulheres assumindo o posto de esteio familiar, mães independentes e casais homossexuais). São inúmeras as questões a serem abordadas e que devem ser contempladas pelas ciências sociais para além dessas elencadas.

Já, Cavalcanti diz que:

A história do tempo presente é uma história vigiada e as narrativas construídas nesse campo de produção discursiva sofrem as disputas e não apenas dos lugares de enunciação acadêmica ou mais recentemente, das redes virtuais de interação. Ela também é vigiada pelos próprios sujeitos sociais que vivenciaram no cotidiano de suas experiências os objetos de reflexão da ciência histórica. Por conseguinte, essa vigilância pode criar um campo de força que tenciona, questiona, impele e reivindica outras narrativas distintas daquelas oferecidas pelo historiador do tempo presente. (2009, p.30).

Essa narrativa, que analisa e questiona, descreve a vivência e a individualidade de cada história com suas dificuldades e muitas vezes sofrimentos. Um exemplo muito forte é a situação atual frente à pandemia, com o conflito de opiniões e informações, muitas delas verdadeiras, descrevendo todo o sofrimento vivido por cada indivíduo.

Segundo Delgado:

No tempo presente, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade muitas vezes descartável das informações, tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças, convertidas em casos, lastros de pertencimento e sociabilidade. Nessa dinâmica de velocidade incontida encontra, desenfreada, perdem-se as referências, dilui-se

os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber. (2003, p.22).

Destaca-se, nesta pesquisa, a importância do registro dessas informações e no aproveitamento do conhecimento, de forma que todo o conteúdo possa ser aproveitado e compartilhado. Apesar da velocidade e da dinâmica do compartilhamento dessas informações, é necessário sua análise e filtragem, para que o aprendizado possa se realizar.

CAPÍTULO II: MÍDIAS SOCIAIS, RECURSOS TECNOLÓGICOS E EDUCAÇÃO

2.1 - A PANDEMIA, UMA NOVA REALIDADE?

O ano de 2020 foi um ano desafiador para o mundo todo. O seu início aconteceu dentro da normalidade com matrículas, planejamentos, calendários escolar e início do ano letivo, no estado de Goiás. No entanto, nos últimos meses de 2019 já circulavam notícias sobre um vírus desconhecido surgido no interior da China. Começamos o ano sem susto. No Brasil só havia a notícia, aqui tudo transcorria dentro da normalidade. Aí começaram a surgir os primeiros casos da tal doença que foi se espalhando e, da noite para o dia, o mundo todo se viu às voltas com a doença avassaladora. Ela era causada por um vírus que recebeu o nome de coronavírus – Sars-CoV- 2, causador da covid -19.

O vírus, então, vai alastrando-se em cada cantinho do mundo, do mundo todo, ele veio para surpreender e tirar as pessoas da sua zona de conforto. Em Goiânia, no Estado de Goiás, e no mundo todo, também, tudo foi fechado, incluindo as escolas públicas e particulares. O governador de Goiás baixou um decreto amplo de medidas de isolamento social diante da pandemia do coronavírus, entre meados de março e abril de 2020. Ele saiu às ruas para pedir o fim de aglomerações e o uso correto da máscara, que passaram a fazer parte do figurino de todos. Recomendou e reforçou o hábito de lavar as mãos corretamente e constantemente, por serem estes atos muito importantes para se prevenir da doença, principalmente, em tempos de pandemia. Aprendemos, nesse momento de lockdown, nomes novos e importamos outros tantos. A cada hora surgiam notícias novas e diferentes sobre a doença COVID-19, e a população ficou atordoada sem saber direito o que estava acontecendo, no que e em quem acreditar, pois havia falta de transparência, e o negacionismo trouxe muitas incertezas à população.

A Ciência, também, parecia sem respostas. Mas como sempre, ela busca as respostas nos experimentos, nas pesquisas, nos estudos diversos, e foi isso que aconteceu. Os cientistas do mundo todo se empenharam ampliando suas pesquisas, buscando respostas. Enquanto a solução não vinha, o mundo continuava a ver a

doença a avançar, as pessoas a serem infectadas a cada segundo, e muitas morrendo, sem que se soubesse o que fazer. Conforme foi declarado pela Organização Mundial da Saúde - OMS, vivemos a maior crise sanitária de nossa época, crise pandêmica ocasionada pelo novo coronavírus (Sars-CoV- 2).

No meio desse caos todo, a educação se viu mais uma vez obrigada a se reinventar, e o ensino que era presencial, olho no olho, a partir de março de 2020, se tornou remoto, virtual. Toda a população estava desorientada com os últimos acontecimentos, e, em meio a esse caos, teve de enfrentar a educação remota. Foi um momento de muitas incertezas e dores.

Na educação do Estado de Goiás tanto as redes públicas estadual e municipal, assim como a rede particular, começaram a postar conteúdos e atividades para as suas alunas e seus alunos, e, nesse exercício, cada unidade escolar foi encontrando o seu melhor caminho para o seu fazer pedagógico.

Estas postagens ocorreram nas mídias sociais, como: instagram, youTube, facebook, Whatsapp e rádios. No decorrer desse processo de aulas online, as unidades escolares perceberam que mesmo com todo o esforço empreendido, elas não estavam atingindo a todos/as matriculados/as no ano de 2020 e de 2021. Foi a partir desse diagnóstico que as escolas começaram a fazer a impressão das atividades e disponibilizá-las aos educandos/as que iam buscá-las nas instituições. Depois de resolvidas, estas atividades eram devolvidas aos professores e as professoras para as devidas correções. Como ainda tivessem educandos/as sem acesso ao material postado, foi necessário que se levasse as atividades propostas pelo professor/professora nas residências destes alunos e alunas, também foi feita a busca ativa através de recados e telefonemas diários.

No estado de Goiás, na rede estadual, houve um rápido movimento de reinvenção do novo. Começamos com as aulas remotas de março a dezembro de 2020, os conteúdos, as atividades, avaliações, tudo era feito com muito empenho, esforço de todos os profissionais das escolas. As reuniões da equipe escolar, reuniões de pais e responsáveis e conselho de classe eram online. A rede estadual e a rede municipal tiveram a preocupação em acompanhar como estavam sendo organizadas as equipes de trabalho.

Foi detectado, neste decorrer de tempo, muitos gargalos, tais como: a falta de acesso à internet, de celulares de qualidade, a falta de computadores, a falta de

preparo para lidar com as TICs e outros entraves na realização das aulas online. Estes foram alguns dos principais problemas enfrentados, isso dependendo, é claro, da unidade escolar e do público atendido pelas escolas. Em muitas famílias, os pais perderam o emprego e a filha e o filho adolescentes foram obrigados a enfrentar o mercado de trabalho para contribuir com o sustento da família.

Naquele momento, as diferenças sociais ficaram em evidência e de modo bastante assustador, em nosso país. Foram distribuídas cestas básicas para os/as educandos/as tanto na rede municipal, quanto na rede estadual, o que foi de grande valia, mas, em alguns casos, isso só amenizou muito superficialmente o problema. Os professores e as professoras não foram consultados quanto a esses procedimentos. A consulta aos educandos/as, se esta tivesse sido feita para saber a forma como eles/elas preferiam receber os alimentos, talvez tivesse contribuído para amenizar um pouco mais as diferenças sociais tão presentes entre os/as estudantes.

A equipe de professores/as encontrou dificuldades, no que se concerne ao ensino remoto, pois, nem todos/as tinham as habilidades tecnológicas que eram exigidas de modo contínuo em ensino online, naquele momento. Os professores e professoras tiveram que aprender uns com os outros, o que um sabia era repassado ao outro/a, amenizando, em parte, as dificuldades enfrentadas. Os/as alunos/as, aqueles/as que têm conhecimento sobre tecnologia, tiveram uma contribuição muito grande, no sentido de auxiliar o/a professor/a, durante as aulas online. As exigências feitas aos profissionais em educação são em excesso e, de tal modo, que muitos adoeceram de estresse, de medo e de solidão, sem tempo de si ver e de dar atenção aos familiares e amigos adoecidos ou que perderam parentes, muitos deles/as. Ao mesmo tempo em que os/as educadores/educadoras sofrem com o que lhes é exigido, desafios vindos de todos os lados, também começavam a incorporar hábitos e tendências diferentes daquelas que estavam acostumados/as, como por exemplo, conviver com a falta de um lar, sua casa passou a ser o espaço de trabalho, sua família ficava, ali, fechada em quartos e outros lugares, sem poder fazer barulho. Até quando isso irá durar? Era um caminho sem volta.

No caso da rede municipal ocorreram, além de todos os problemas relatados, os desafios para acessar e postar as atividades nas plataformas criadas, tanto para a equipe de professores/as, quanto para as alunas e os alunos e os pais e responsáveis.

Como se não bastasse tudo isso, ainda temos que conviver com o recém-publicado relatório das Nações Unidas sobre o Índice de Desenvolvimento Humano, o IDH, que avalia os países na superação dos problemas sociais. O documento relata que o Brasil caiu da 79^o posição para a 84^o entre os 189 países avaliados, lembrando que o ranking de IDH aconteceu antes da pandemia. O IDH mede a expectativa de vida da população, a renda per capita e os anos de estudo na escola, bem como estudos feitos pelo Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (PNUD), da Organização das Nações Unidas (ONU), via relatório divulgado, no dia 15/12/2020.

Além disso, no dia 12 de novembro de 2020, o Jornal “O Popular” publicou o resultado de uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, mostrando que 232,3 mil moradores do estado de Goiás viviam com menos de 1,90 dólar por dia e que, no ano passado, esse foi o maior número da série histórica, iniciada em 2012. Isso demonstra extrema pobreza, muitas pessoas vivem abaixo da linha de pobreza extrema. O aumento, em relação a 2018, foi de 17,8 mil pessoas (Jornal O Popular, 12/11/2020, reportagem feita por Rodrigo Hirose).

Este contingente representa 3,3% do total de moradores estimados pelo Instituto em Goiás, que é de 7 milhões. Em Goiânia, em 2019 havia 22 mil pessoas abaixo da linha de pobreza extrema e 147 mil abaixo da linha de pobreza. Os critérios são definidos pelo Banco Mundial, eles apontam a dura realidade que se tem de desafios para o ano de 2021 e para os próximos anos. (Jornal O Popular, 12/11/2020, reportagem feita por Rodrigo Hirose).

Como podemos perceber os desafios foram e são muitos. Temos e podemos e precisamos, com urgência, fazer ações que possam ajudar a mudar esta realidade concreta. A escola recebeu uma avalanche de obrigações que envolvem conhecimentos e saberes de cunho tecnológico, e, da noite para o dia viu a vida escolar mudar completamente, como tudo no mundo todo em estado de pandemia. Grande parte do comércio, indústrias e órgãos públicos a partir de março de 2020 passaram a permitir que seus funcionários trabalhassem dentro de suas casas, por meio de recursos tecnológicos como videoconferência e trabalho digital. Com os professores/as isso foi diferente, o ensino remoto foi imposto como única alternativa, a casa, então, virou, o local de trabalho, e isso nem sempre se deu da forma adequada ou satisfatória, pois muitos professores/as têm filhos pequenos, outros

têm os pais que residem com eles/as, no mesmo espaço familiar. E, há, ainda, aqueles/as profissionais que têm alguns animais em casa.

O ensino remoto foi seguindo sua trajetória, nenhum órgão perguntou aos trabalhadores/as se eles/as tinham a estrutura necessária para executar o seu trabalho em casa. A ordem é: “faça”, e o/a trabalhador/ateve e tem que fazer do modo como lhe é possível. Hoje, trabalhamos de maneira irregular, espalhada, precarizada. Trabalha-se em todos os lugares ou em lugar algum; e, por isso, mais uma vez, o grande abismo quemais e mais se aprofunda, pois, só se pode trabalhar em casa, quem tem acesso a um bom computador e a uma internet de qualidade. Estes problemas, todos nós sabemos estão longe de serem resolvidos, posto que estão apenas a começar. Temos muitos desafios a enfrentar, principalmente, os desafios relacionados ao modo de conviver com o trabalho remoto, realizando-o em casa juntamente com os filhos e, em meio a outros afazeres. Além disso, há a necessidade de delimitar os horários para cada uma das atividades e para o exercício do viver, tendo, por conseguinte, o cuidado com as pausas e os intervalos destinados à alimentação, necessidades biológicas e outras atividades de rotina, como idas a bancos, a supermercados e comércio em geral. Estas últimas foram substituídas pela internet/móvil banking e compras online pelo e-commerce.

Em 2020 o Governo Federal destinou 295 bilhões de reais ao pagamento do programa chamado Auxílio Emergencial e de Extensão, beneficiando diretamente 68 milhões de pessoas. Instituída pela Lei 13.982, de 02 de abril de 2020, a ajuda foi paga, em cinco parcelas, de 600 reais ou 1.200 reais, para mulheres provedoras de família monoparental, e, para famílias com renda total de até três salários-mínimos por mês, e renda per capita de até meio salário-mínimo, ao mês. A extensão desse mesmo auxílio (MP nº 1000 – Mil), foi feita em até 4 parcelas, sendo estas de 300 reais e de 600 reais para a cota dupla, seguindo os mesmos requisitos referenciados.

Em nossos estudos, vimos o quanto a pandemia surgida em decorrência da COVID-19, se mostrou cruel, principalmente, com a classe pobre. Esta, mesmo recebendo o auxílio emergencial, nem sempre teve como se alimentar adequadamente, nem teve o que vestir ou ainda, teve remédios para curar suas doenças e suas dores. O auxílio emergencial evitou que muitas pessoas morressem de fome e de miséria, no período de sua duração, e evitou que outros tantos nela

caíssem definitivamente e morressem de inanição. A população pobre, também contou com a ajuda e mobilização da sociedade civil e, mesmo assim foi ela a mais atingida, nesse período pandêmico. As camadas de mais baixas rendas no ano de 2020, sofreram com o desemprego. Este chegou com força nestas camadas da população, e muitos ficaram sem a possibilidade de sonhar com uma vida melhor, mais digna e mais humana.

2.2 - MÍDIAS SOCIAIS

As Mídias Sociais podem ser compreendidas como um canal de relacionamento, presente na internet, no qual sucedem as variadas probabilidades de interações e a participação direta entre os usuários que delas fazem uso. Sendo assim, a mídia social é diferente dos meios de comunicação social tradicionais (rádio, telégrafo, telefone, televisão, jornal impresso e outros produtos). Estes recursos existentes na chamada Web 2.0 (segunda geração da internet presente, atualmente) trazem várias possibilidades de obtenção de conhecimento, de trabalho e de lazer, e, dentre elas, estão a geração de mídias espontâneas e a criação de compartilhamento de conteúdo que são alguns dos fatores principais e característicos das mídias sociais.

A palavra mídia designa uma ferramenta ou meio de comunicação social, tal como o rádio ou jornal. Esses meios de comunicação que conhecemos possuem uma via de mão única, na qual existem poucos acessos para a participação de seus usuários. De maneira mais simples a mídia nada mais é do que a imprensa (televisão, rádio, jornais impressos e outros meios).

As Mídias Sociais possibilitam que todos os seus usuários se comuniquem e, por isso, é considerada uma via de mão dupla. As mídias sociais possuem ferramentas que permitem o intercâmbio e a criação de conteúdo sendo estes, em sua grande maioria, gerados pelos próprios usuários. Isso é, segundo estudiosos, o maior impacto digital de todos os tempos, na sociedade contemporânea, posto que, há abertura da comunicação pessoal entre as variadas sociedades ao redor do mundo.

Chegou, enfim, a internet e no seu início, basicamente, era acessada apenas por comunidades científicas vinculadas às universidades. O seu propósito era a criação de uma rede onde existisse trocas de informações para as pesquisas. No entanto, o grande marco da internet ocorreu com a exploração comercial, o desenvolvimento dos primeiros portais e a chegada de grupos de mídia como, por exemplo, as agências de notícias e a criação de portais exclusivos para a internet. Este foi um dos maiores marcos da década de 1990 período de grande responsabilidade para o surgimento dos sites de relacionamentos que conhecemos, hoje.

Mesmo que os meios de comunicação tradicionais restrinjam sua interação por parte dos seus proprietários, através da internet, as coisas se tornam mais simples, pois as mídias sociais garantem uma plataforma para os indivíduos serem ouvidos. Essa é uma saída, nas Mídias Sociais. Sendo assim, o termo não se encurta aos meios de comunicações atuais, principalmente no que se diz respeito ao seu conteúdo, pois é nas mídias sociais que tudo está disponível para todos nós lermos, e nos envolvermos.

A partir do princípio das Mídias Sociais passaram a existir, também, as redes sociais que são um meio de conversação de “muitos para muitos” indivíduos e que possuem uma relação complexa entre os indivíduos, no caso o público e a fonte principal, como por exemplo, os meios de comunicação. É aí que surgem as redes sociais ou redes de relacionamentos.

2.3 - RECURSOS TECNOLÓGICOS

Já, os Recursos Tecnológicos, estes são um meio diversificado de tecnologias que permitem responder às necessidades específicas para se conseguir aquilo que pretende obter. A tecnologia, por sua vez, faz referência às teorias e às técnicas que possibilitam o aproveitamento prático do conhecimento científico. Um recurso tecnológico é, portanto, um meio que se vale da tecnologia para cumprir com o seu propósito. Os recursos tecnológicos podem ser tangíveis (como um computador, uma impressora ou outra máquina), ou intangíveis (um sistema, uma

aplicação virtual). (Artigo “*Quais as vantagens de usar recursos tecnológicos em sala de aula?*”, site Sunsoftware Brasil, acesso em 20/05/2021)

Nos dias que correm, os recursos tecnológicos são considerados algo imprescindível tanto para as empresas quanto para alguns fins domésticos. A tecnologia passou a ser um aliado-chave para a realização de todo o tipo de tarefas. Como a tecnologia possui um papel relevante para a sociedade, os recursos tecnológicos estão presentes como ferramentas, nos mais variados ambientes tais como: escolas, universidades, empresas, residências e outros locais.

No que diz respeito às escolas e universidades, é impossível que um cidadão esteja preparado para enfrentar o mercado de trabalho sem conhecer e dominar algumas dessas ferramentas. Exemplo de recursos tecnológicos nas escolas, quanto aos/as alunos/as utilizarem programas para criação de slides para trabalhos escolares, são os programas de edição de textos.

Já no que diz respeito ao/as educadores/as, os recursos tecnológicos ajudam a otimizar processos, tanto na elaboração da aula quanto no ato de ministrá-la. Os recursos tecnológicos auxiliam, inclusive, no aprendizado. A exemplo disso, temos o uso de sites que permitem a interação com falantes nativos de outros países a fim de treinarem o idioma que estão aprendendo: inglês, espanhol, italiano e outras línguas.

Atualmente, um dos recursos tecnológicos mais conhecidos e utilizados é a computação em nuvem (cloud computing). Uma empresa que dispõe de computadores modernos com acesso à internet de alta velocidade, redes informáticas internas, telefones inteligentes e equipamentos multifuncionais que reúnem todas as condições para competir com êxito no mercado, está apta para ir além das características próprias dos seus produtos ou serviços.

Os recursos tecnológicos estão constantemente à nossa volta e o objetivo de eles existirem é para facilitar o nosso dia a dia, seja para a realização de atividades pessoais, estudantis ou empresariais. E, a depender do que uma pessoa precise, ela pode ter as mais variadas aplicações, podendo até mesmo valer-se de um único recurso tecnológico para diferentes usos, e, para cada pessoa ou situação diferente. Como vemos, os recursos tecnológicos ajudam a desenvolver as operações

quotidianas da empresa, desde a produção até à comercialização, passando pelas comunicações internas e externas.

Como já foi dito, os recursos tecnológicos podem ser tanto tangíveis quanto intangíveis. Logo, além da computação em nuvem, que é intangível, temos também redes sociais, sites, blogs, ferramentas online e o offline que facilitam os processos em atividades pessoais e profissionais, dentre outros afazeres.

Em casa, os recursos tecnológicos podem ser úteis para aqueles que têm de realizar trabalhos acadêmicos ou para aqueles que queiram trabalhar num escritório virtual ou à distância. Não é necessário fazer grandes investimentos para ter acesso a recursos tecnológicos básicos, como é o caso de um computador com conexão à internet, por exemplo. Quanto maior for o investimento, maior é a possibilidade de adquirir recursos de última geração e de melhor qualidade.

2.4 - A EDUCAÇÃO E OS NOVOS TEMPOS

Com o desenvolvimento da tecnologia, principalmente os avanços no campo digital, temos a criação da Rede Mundial de Computadores, que viria a facilitar a comunicação e o desenvolvimento globalizado, além de aproximar todas as diferentes culturas do Planeta.

Assim, explanam Dorigoni & Silva (2012, p.13):

A origem da Internet se deu a partir de 1969 com a Guerra Fria quando os Estados Unidos solicitaram a Advanced Research Projects Agency (ARPA) uma rede de computadores que pudessem ter seu funcionamento mesmo com a quebra de conexão. Surgiu então a rede das redes. A autora chama atenção quanto à rapidez da disseminação da Internet pelo mundo, em relação a outras mídias. Enquanto o rádio levou 38 anos para atingir um público de 50 milhões nos Estados Unidos, o computador levou 16 anos, a televisão, 13 anos e a Internet levou apenas 4 anos para alcançar a marca de 50 milhões de internautas.

A Internet, como mostrado acima, se propagou pelos países de forma muito rápida, atingindo grande parte da população em poucos anos. Tornou-se, assim, o

meio de comunicação mais utilizado, no mundo, em poucos anos. Isso propiciou e proporciona para que informações e características culturais sejam compartilhadas entre os povos, de maneira rápida e constante, aumentando, por conseguinte, a grade de aprendizado de cada indivíduo.

Para Dorigoni & Silva (2012, p. 4):

Dede a década de 1950, teóricos chamam a atenção para a caracterização da sociedade pela tecnificação crescente nos mais variados setores sociais. Já havia preocupações no sentido de que os meios de comunicação constituíam uma escola paralela onde as crianças e os adultos estariam encantados e atraídos em conhecer conteúdos diferentes da escola convencional. Desta forma foram sendo analisados os efeitos do impacto da tecnologia na sociedade e na educação. A partir desses impactos, alguns autores como Friedmann Pocher (1977) apontam que as tecnologias são mais do que meras ferramentas a serviço do ser humano, elas modificam o próprio ser, interferindo no modo de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo, podendo também levá-lo em direções não exploradas encaminhando a humanidade para rumos perigosos.

Ainda sobre o tema: (PCN, 1998, p. 120):

É evidente a importância dos meios de comunicação no cotidiano dos adolescentes e jovens. O rádio e a televisão, ao lado das revistas, constituem-se nas principais fontes tanto de fantasia quanto de informação acerca do que se passa no mundo. A qualidade da maior parte das programações é, sem dúvida, muito discutível. Informações tendenciosas, tanto naquilo que é dito quanto naquilo que deixa de ser dito; produções artísticas pouco elaboradas; incentivo ao consumo desenfreado; valorização de atitudes violentas e discriminatórias. No entanto, a mídia oferece a cada um, e não só aos jovens, a possibilidade de distrair-se de suas preocupações, informar-se e até mesmo de resignar-se com as dificuldades enfrentadas em face da enxurrada de tragédias alheias. Por isso, a estratégia de alguns educadores de tratar a mídia como adversária acaba funcionando como um distanciamento entre esses e os alunos. A mídia pode ser uma grande aliada no processo educacional: é importante aproveitar o conhecimento que ela propicia e propor trabalhos de reflexão sobre as programações, incentivando um olhar crítico. Do ponto de vista educativo, o problema não está no consumo, mas no consumo passivo de tudo que é veiculado.

Isso deu origem ao termo “Globalização”, que implica dizer a conexão entre indivíduos de todo o mundo entre si, mesmo sem sair de sua própria casa, por meio da Internet. Tal avanço tornou a distância geográfica entre países mero número, já que a comunicação acontecia quase que de forma instantânea e dentro de suas residências, compartilhando seus conhecimentos e costumes.

Assim, para Silva:

...vivemos numa sociedade globalizada, na qual existe uma gigantesca quantidade de informações disponíveis em diversos veículos de comunicação, fato este que contribui significativamente em nossas vidas. Todavia, exige que sejamos críticos quanto ao conteúdo que internalizamos diariamente. No que se refere à prática docente, é importante olhar para as mídias educacionais como aliadas nos processos de ensino e aprendizagem, inovando sempre a metodologia, e assim, tornando as atividades atrativas e menos estáticas. (2016, p. 2).

E as autoras continuam ressaltando que:

Estamos vivendo na era da tecnologia, e vivemos em contato direto com recursos multimídias, seja, na escola, na rua, ou em casa, intensificado cada vez mais com a modernização constante. O uso da mídia está cada vez mais presente na sala de aula, através de aparelhos eletrônicos, tais como: o celular, o tablet, o notebook, entre outros. São instrumentos de muita utilidade no seu cotidiano, e necessários para obter informações e socializar conhecimentos. (SILVA, 2016, p. 2).

Sendo assim, a tecnologia chega também na área da Educação, de forma revolucionária. A possibilidade de divulgar e compartilhar conhecimentos com todo o Mundo aumenta o nível educacional de todos os indivíduos, e propaga ideias e descobertas.

Para Dorigoni & Silva (2012, p. 4):

O avanço tecnológico se colocou presente em todos os setores da vida social, e na educação não poderia ser diferente, pois o impacto desse avanço se efetiva como processo social atingindo todas as instituições, invadindo a vida do homem no interior de sua casa, na rua onde mora, nas salas de aulas com os alunos, etc. Desta forma, os aparelhos tecnológicos dirigem suas atividades e condicionam seu pensar, seu agir, seu sentir, seu raciocínio e sua relação com as pessoas.

Apesar desse avanço, cabe ressaltar que a Rede Mundial de Computadores não diminuiu a diferença social ou a exclusão. Isso porque, a tecnologia sendo avanços modernizados e recentes, estava centralizada em uma parcela da população com recursos para adquiri-la. Isso fez com que o conhecimento globalizado e tecnológico ficasse centralizado.

O PCN (1998, p. 136) já salientava que:

Entretanto, o fato de que imagens e informações estão disponíveis, ao mesmo tempo, em praticamente todos os lugares do planeta, por intermédio dos meios eletrônicos de comunicação não significa necessariamente que esteja ocorrendo um processo de democratização do acesso às informações, e muito menos que os cidadãos contemporâneos tenham conhecimento crítico do mundo, em que vivem. Basicamente o que mudou nos últimos anos, com o desenvolvimento tecnológico, foi a possibilidade de comunicar as informações globalmente, com maior velocidade e em diferentes formatos. Ao mesmo tempo que a tecnologia contribui para aproximar as diferentes culturas, aumentando as possibilidades de comunicação, ela também gera a centralização na produção do conhecimento e do capital, pois o acesso ao mundo da tecnologia e informação ainda é restrito a uma parcela da população planetária. Há uma grande distância entre os indivíduos que dominam a tecnologia, os que são apenas consumidores e os que não têm condições nem de consumir, pois não têm acesso às novas tecnologias da informação e comunicação. Ter informação não significa ter conhecimento. Se, por um lado, o conhecimento depende de informação, por outro, a informação por si só não produz novas formas de representação e compreensão da realidade.” (PCN, 1998, p. 136.).

Essa se torna uma das grandes dificuldades na relação entre tecnologia e educação. Torna-se óbvio que, com todos os avanços e benefícios, os meios tecnológicos seriam uma primordial ferramenta para a educação, em todos os seus níveis, mas a dificuldade de acesso dificulta o seu uso efetivo.

O PCN (1998, p. 137) ressalta que:

...mesmo o mundo estando interconectado, não há uma unificação econômica e cultural e muito menos igualdade no acesso aos recursos tecnológicos. É um fato incontestável a desigualdade na distribuição e domínio dos recursos tecnológicos, tanto no nosso país como em

outros. No Brasil, a enorme concentração de renda e desigualdade social fazem com que exista uma pluralidade de realidades. Na zona rural, existem plantações que utilizam modernos equipamentos para semeadura, colheita, irrigação; e outras onde a enxada e o ancinho são as principais ferramentas do agricultor. Nos grandes centros urbanos, a tecnologia integra o ambiente cultural, mas em pequenas cidades do interior sua presença é apenas indireta para a maioria da população. Dependendo das características culturais e condições socioeconômicas, encontramos diferenças acentuadas quanto à familiaridade, domínio e presença dos recursos tecnológicos, sendo que existem lugares do país em que a presença de tecnologia é praticamente inexistente.

Diante dessa dificuldade em todos os setores, a Educação não ficou isenta e, por conseguinte, também sofreu com a falta de recursos tecnológicos e de outras naturezas. A rede de ensino se encontrou sem recursos e material que a proporcionasse o uso da tecnologia, se atrasando com seu uso e, com isso, ficando obsoleta em alguns quesitos que poderiam ser supridos pela tecnologia.

Dorigoni & Silva (2012 p. 10) ressalta que:

Enquanto o mundo se apresenta cada vez mais aberto e com máquinas que lidam com o saber e com o imaginário, a escola ainda se estrutura em tempos e espaços pré-determinados, fechada ignorando as inovações. Em decorrência da velocidade dos avanços tecnológicos e sua interferência no trabalho e na vida de todos, a escola se encontra em crise. A escola que tem como ideal preparar as pessoas para a vida, para cidadania e para o trabalho, deve-se então questionar, sobre qual contexto social se reportar já que este está em permanente modificação.

Além disso, a desigualdade continua a existir, não mais de maneira acentuada, no setor educacional, apresentando a diferença de acesso ao conhecimento de estudantes que tinham condições econômicas favorecidas frente aos mais necessitados. Aparelhos e benefícios da rede só poderiam ser utilizados por docentes com boas condições econômicas, houve a lentidão do Poder Público em suprir essa falta, o que gerou uma desigualdade de conhecimento intelectual.

Para Pacheco (2004,p. 2):

A palavra “inclusão” hoje está na moda. “incluir as diferenças” é discurso obrigatório na área social e da

educação, mesmo que não se tenha consciência do que realmente significa e de que maneira se dará. Se observarmos os discursos governamentais, político-partidários, as propagandas de TV, os planos e projetos pedagógicos nas escolas, teremos a ilusória percepção de que realmente vivemos um período de “aceitação e respeito às diferenças” – sejam elas quais forem: étnicas, sexuais, de gênero, religiosas, culturais, raciais, enfim.

A autora continua refletindo que:

...palavras como diversidade, diferença, identidade e multiculturalismo adentram as instituições escolares, a mídia, as campanhas eleitorais. Da mesma forma, os termos respeito e igualdade, são os “abre-alas” de qualquer discurso que se diga democrático, social e/ou humanitário (PACHECO, 2004, p. 2).

Para Lévy (1999, p. 127) a conexão é um bem em si, pois veicula por si os valores de uma autonomia individual e da abertura para a alteridade. O autor continua salientando que a cibercultura expressa uma suposta vontade coletiva de construir laços sociais baseados na partilha de conhecimentos.

Mesmo assim, a tecnologia começou, pouco a pouco, a ser introduzida no cenário educacional, devido à sua inevitável conveniência e ampla divulgação com o passar dos anos.

Para Silva (2016, p. 3):

É importante utilizar a tecnologia como ferramenta de suporte educacional na intenção de envolver a geração conectada. No momento em que diversos artefatos midiáticos se ampliam constantemente no espaço escolar, faz-se necessário introduzir no currículo informações acerca das ferramentas digitais a serem manuseadas em sala de aula. É preciso considerar que o currículo abrange todas as dimensões de sociedade a serem inseridas no processo educacional.

Silva (2016, p.3) ainda ressalta que:

...ao tratar de currículo, nota-se a preocupação com o uso da mídia na educação. Contudo, não se pode pensar essa prática sem se voltar para os parâmetros legais que regem a educação, no intuito de desenvolver abordagens críticas. Do ponto de vista da UNESCO (1984) entende-se “que convém entender o estudo, o ensino e a

aprendizagem dos meios modernos de comunicação e expressão, considerados como parte de um campo específico e autônomo de conhecimentos, na teoria e na prática pedagógica.

Com isso, torna-se necessário a criação de leis que abordem o tema, e a participação do Poder Público de forma a garantir o acesso, nem que seja mínimo, dos estudantes aos benefícios tecnológicos, para aumentar a qualidade do ensino.

Silva (2016, p.3) ainda diz que:

...sobre as bases legais, destacam o que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB/9394/96 no Art. 3º, V e IX que se refere ao direito a uma educação de qualidade, a promoção e a justiça social. A Lei preconiza que o ensino “será ministrado a partir dos princípios de coexistência de instituições públicas e privadas, na garantia de padrão de qualidade, valorização da experiência extra-escolar, e na vinculação entre educação escolar e as práticas sociais”. Nesta visão, o uso de tecnologias educacionais liga-se essencialmente à questão da qualidade do ensino e da aprendizagem e tudo está ligado à estruturação do currículo escolar.

E, Silva (2016, p. 3) diz que:

...ainda do ponto de vista legal a constituição Federal (CF) no Art, 205 determina que, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e para qualificação para o trabalho”, como percebemos a educação brasileira é garantida por Lei e todos devem receber tratamento igualitário.

Silva cita: Como assinala Moran (2007 p. 13) “As tecnologias permitem mostrar várias formas de captar e mostrar o mesmo objeto, representando-o sob ângulos”. O autor é bastante enfático ao discutir a importância das tecnologias e o quanto estas podem favorecer a prática docente.

Apesar das críticas e dificuldades acima relatadas, os benefícios da tecnologia superam as dificuldades e os transtornos por ela causados, visto o potencial que oferece em todos os setores educacionais. Com investimentos e o passar do tempo, os aparelhos tecnológicos e a rede digital se tornam partes do dia a dia social, e, naturalmente, do meio escolar.

Para Bacich& Moran (2015, p. 45):

Colaboração e uso de tecnologia não são ações antagônicas. As críticas sobre o isolamento que as tecnologias digitais ocasionam não podem ser consideradas em uma ação escolar realmente integrada, na qual as tecnologias como um fim em si mesmas não se sobreponham à discussão nem à articulação de idéias que podem ser proporcionadas em um trabalho colaborativo. Nesse sentido, um simples jogo ou atividade realizada no formato digital pode servir como inspiração para uma ação integradora, e não individual.

Nesse sentido, para Dorigoni& Silva (2012, p. 8):

Enfatizando a importância dos meios de comunicação e das tecnologias de informação que se concretiza fortemente em todos os âmbitos da vida social, trazendo conseqüências para os processos culturais, comunicacionais e educacionais, vale lembrar que uma das instituições que demonstra grande dificuldade em absorver as transformações nos modos de aprender em decorrência do avanço tecnológico atual é a escola, que devido à rapidez desses avanços e ter intrínseco em seu bojo dependências com instituições maiores, não assimilou outras formas tecnológicas comunicacionais e já se depara com a informatização, suas linguagens multimídias e suas potencialidades interativas.

Em julho de 1997, o Ministério da Educação e do Desporto – MEC, lançou o Programa Nacional de Informática na educação – PROINFO. Na apresentação do Programa o MEC:

...salienta a crescente e irreversível presença do computador – dos recursos de informática de um modo geral – nos mais corriqueiros atos da vida das pessoas tornou indispensáveis, como ação de governo, a informatização da Escola Pública. Uma decorrência da obrigação do poder público de diminuir as diferenças de oportunidade de Formação entre os alunos do sistema público de ensino e os da Escola Particular, está cada vez mais informatizada.

Ainda, sobre o mesmo Programa:

As ações previstas neste documento inserem-se num contexto político-pedagógico mais amplo, ao qual se situam, entre outras: livro didático, Parâmetros Curriculares Nacionais, TV-Escola, educação a distância,

valorização do magistério, descentralização de recursos para escolas e avaliação da qualidade educacional, também fez parte da apresentação do programa (MEC, 1997.)

Este documento fala, ainda, do acesso a redes de informações globais (INTERNET) e da implantação dos Núcleos de Tecnologia Educacional – NTE.

O programa abrangerá a rede pública de ensino de 1º e 2º graus de todas as unidades da federação, no biênio 1997/1998. Para ter acesso aos computadores cada Estado tem a elaboração e aprovação dos projetos estaduais de informática na educação. Estes projetos devem estar de acordo com o roteiro aprovado pelo CONSED, o Conselho Nacional de Secretários de Educação, que reúne as Secretárias dos Estados e do Distrito Federal. O CONSED foi fundado em 1986.

2.5 - OS DESAFIOS ENCONTRADOS PELA ESCOLA NA ATUALIDADE

As Instituições educacionais que estiveram atentas às mudanças se viram diante de um impasse, o de saber como a educação formal estaria durante e após a era tecnológica, estando, portanto, mediante a tantas mudanças na sociedade. Moran (2012, p. 10) salienta que a “sociedade do conhecimento é baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais, que não se adquirem da forma convencional e que exigem proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora.”

Lemos (2004, p. 86) aponta que um dos aspectos da cultura digital é a conexão ubíqua que deu início ao aparecimento dos computadores pessoais e o surgimento de redes telemáticas universais, móveis e pervasivas. A computação ubíqua tem como objetivo tornar a interação humana computador invisível, ou seja, integrar a informática com as ações e comportamentos naturais das pessoas. Este invisível é de tal forma, imperceptível ao ponto de as pessoas nem notarem que estão dando comando a um computador, uma vez que elas agem como se estivessem conversando com alguém.

Para Moura:

...no que se refere especificamente à nossa sociedade nacional, considerando a diversidade de origens de sua composição étnica e a diversidade de processos históricos que resultaram no quadro que se estampa hoje como o Brasil, podemos apostar em que uma via tentadora para pensar a unidade da brasilidade é justamente um projeto de nação menos desigual, mais integradora e democrática. Neste sentido, a pluralidade das manifestações culturais pode se constituir como uma referência relevante deste múltiplo que se legitima, por um lado, como coletivo de particularidades e, por outro lado, como expressão de uma unidade complexa e problemática. Para aquém deste caráter dramático do processo de construção de uma diversidade cultural digna, poderíamos continuar reféns de nossos próprios estereótipos e caricaturas. (2010, p. 344).

Com o advento da globalização, é fácil perceber as diferenças culturais e sociais entre os povos, e o combate ao preconceito e à exclusão social se torna assunto importante no meio educacional. Não há que se falar em compartilhamento de conhecimento se o preconceito estiver envolvido.

Para Silva:

...as questões do multiculturalismo e da diferença tornaram-se, nos últimos anos, centrais na teoria educacional crítica e até mesmo nas pedagogias oficiais. Em geral, o chamado “multiculturalismo” apóia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. (2000, p. 1).

E, Silva (2000, p.1) escreve que:

...na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita é pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Assim como a identidade, depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são pois, inseparáveis. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir (SILVA, 2000, p.1).

Superar conflitos e deixar diferenças de lado se torna um fator importante no meio da educação e do ensino, de forma a proporcionar que culturas e ideias sejam compartilhadas entre as diferentes sociedades. Entre as diferentes pessoas.

Silva (2000, p. 8) indaga e responde:

...como tudo isso traduziria em termos de currículo e pedagogia? O outro cultural é sempre um problema, pois coloca permanentemente em xeque nossa própria identidade. A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular. É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável. É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente, é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência. O reprimido tende a voltar – reforçado e multiplicado. E o problema é que esse “outro”, numa sociedade em que a identidade torna-se, cada vez mais, difusa e descentrada, expressa-se por meio de muitas dimensões. O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente.

Carvalho e Arruda (2008, p. 454), nos mostram que:

...o momento é de ousadia e mesmo de transgressão e a palavra chave deste processo, àqueles que se dispõem a entender o que está acontecendo, é interpretação. As novas abordagens sugerem um contexto de renovação científica e de transformações profundas nas sociedades. A velocidade das transformações recobre muitas vezes as permanências, as ressignificações, as ausências e diferenças.

A escola começou, pouco a pouco, a fazer ponte para a era digital, com as implantações de laboratórios de informática e, logo em seguida, com o acesso à internet, o que acarretou diversas mudanças, no contexto educacional. Mas os laboratórios contam com poucos computadores, a manutenção é bastante lenta e

comprometida e a tão propagada internet nem sempre funciona e nem sempre cobre todo o espaço escolar.

As escolas públicas hoje, apesar da era de novas tecnologias que estamos vivendo, ainda têm dificuldade de proporcionar às alunas e aos alunos, acesso aos recursos tecnológicos e mídias sociais. Essa deficiência também se estende à professora e ao professor que desenvolvem todo o trabalho, na sala de aula. Para Moran (2012, p. 9), “O mundo físico e o virtual não se opõem, mas se complementam, integram, combinam numa interação cada vez maior, contínua, inseparável.”

Com o retorno das aulas presenciais há a possibilidade de contar com a presença de parte dos/as alunos/as, em sala de aula e outra parte deles/as permanecer participando das aulas remotas, muitas vezes, nesta mistura tem-se o que vem sendo chamado por ensino híbrido. Bacich & Moran (2015, p. 45) ressaltam que falar em “educação híbrida significa partir do pressuposto de que não há uma única forma de aprender e, por consequência, não há uma única forma de ensinar. Existem diferentes maneiras de aprender e de ensinar.

Outro fator importante e que deve ser levado em conta é o de que para o/a professor/a utilizar as novas mídias disponíveis, é necessário que ele/a busque conhecê-las e procure a melhor maneira de utilizá-las em suas aulas. Para tanto, os/as professores/as deveriam ter recebido formação para atuarem no ensino remoto, mas isso não aconteceu. Eles/as tiveram que se jogar nas teias das redes e armadilhar conhecimentos em ensinamentos e aprendizagens. Para Bacich & Moran (2015, p. 45) “O trabalho colaborativo pode estar aliado ao uso das tecnologias digitais e propiciar momentos de aprendizagem e de trocas que ultrapassem as barreiras da sala de aula. Os professores/as tiveram que se reinventar, aprender uns com os outros, e, até com os alunos, em termos de manuseio de recursos tecnológicos.

Para muitas professoras e professores essas questões ainda são um grande desafio, há bastante resistência e muitas vezes, despreparo. Sendo assim a formação destes deve ir além da formação técnica sobre o uso das mídias sociais e dos recursos tecnológicos. Seria necessário, por conseguinte, que houvesse condições para os/as docentes construir conhecimento sobre noções de ensino

aprendizagem, conhecimento para somente depois disso, compreender como e porque as TICs estão inseridas em suas práticas pedagógicas.

A escola precisa estar atenta ao novo momento, pois é este que pode determinar a hora de se implementar projetos inovadores e desafiadores. Nesse sentido, Demo (2005, p. 85) aponta razões que justificam o uso das tecnologias no ensino, a primeira é que “o mundo solicita a habilidade de usar os conteúdos (conhecimentos) disponíveis na web. E outra é usar as tecnologias disponíveis para reconstrução do conhecimento.”

Moran (2015, p. 5) ressalta que a educação de qualidade nos ajuda a construir histórias relevantes. A pessoa motivada para aprender consegue evoluir mais e desenvolver um projeto de vida mais significativo. Por isso, é importante trabalhar histórias e estimular os educandos e educandas para que eles/as também relatem as suas histórias, esses momentos em sala de aula são de um valor inestimável.

O que tem que ficar claro para todos os envolvidos no processo ensino aprendizagem, é que a tecnologia “não forma, mas pode colaborar em processos formativos, desde que se busque ultrapassar os simples ‘treinamentos’, como ressalta Demo (2005, p. 85). Como podemos perceber, o uso da tecnologia é de suma importância na educação, e tem um campo grande para crescimento em aquisição e produção do conhecimento.

Para Moran (2015, p. 16) “O modelo híbrido, misturado, tem o foco em valores, competências amplas, projeto de vida, metodologias ativas, personalização e colaboração, valendo-se de tecnologias digitais e de um currículo mais flexível, com tempos e espaços integrados.”

Bacich&Moran (2015, p. 45) chamam à atenção para que a “colaboração e o uso de tecnologia não sejam ações antagônicas. As críticas sobre o isolamento que as tecnologias digitais ocasionam não podem ser consideradas em uma ação escolar realmente integrada, na qual as tecnologias apresentam um fim em si mesmas não se sobreponham à discussão nem à articulação de ideias que podem ser proporcionadas em um trabalho colaborativo. As TICs devem trazer avanços e êxitos aos educandos e educandas bem como aos professores e às professoras, e,

além deles, também para a instituição educacional envolvida no processo ensino aprendizagem.

Para Lemos (2004, p. 86): “as tecnologias ubíquas, podem ser incorporadas ao processo de ensino-aprendizagem como instrumentos para estimular a aprendizagem”. Ressalta-se que tecnologias ubíquas são as que buscam a integração do ser humano com recursos tecnológicos imperceptíveis, de modo que sua vida cotidiana seja facilitada e, cada vez mais, inclusa em desenvolvimentos digitais.

Temos como exemplo, a distribuição de sinal de internet de forma ampla, bem como acesso a uma vasta rede de dados digitais, que proporcionam o fácil acesso a recursos e informações a todo o momento. Por isso, é importante dar sentido ao fazer escolar, valendo-se desses recursos, por estes serem frutos de preocupações atuais sobre seu uso, no meio acadêmico.

2.6 – OS PROFESSORES E PROFESSORAS FRENTE ÀS NOVAS REALIDADES

Podemos assim compreender as diferenças e os conflitos existentes na sociedade, se fizermos com que as pessoas aprendam a gerir tais conflitos e, assim, participem mais ativamente, na contribuição do bem-estar de todos. Nesse sentido, Russen (2001, p. 58) confirma essa proposta quando diz que:

O homem necessita estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, ao longo do tempo, a fim de poder agir nesse decurso temporal, ou seja, assenhorear-se dele de forma tal que possa realizar as intenções do seu agir.

Importante se faz, ressaltar que a escola pública, hoje, atende todos os públicos que dela se aproxima, sendo estes excluídos ou não, e que, ali, busquem o aprender e o ensinar no seu interior, mesmo que esta, nem sempre, o atenda com desvelo. Nesse sentido, busca-se refletir sobre as representações sociais que ela atende, observando suas culturas, suas cores, suas opções. Isso possibilita analisar formas de conhecimento socialmente construídas e que, muitas vezes, contribuem com uma realidade discriminatória. Portanto, com todo este público diferenciado,

miscigenado, precisamos ficar atentos ao compromisso com todas as pessoas ali inseridas, para evitarmos que sejam discriminadas.

Assim, segundo Coll (1995, p. 18) “quando se tem contato com algum artifício ou conteúdo com o designo de aprender sobre ele empregando experiências e conhecimentos prévios alteram-se o saber integrando-o e acoplando-o ao que já se tinha.”

Também afirma o PCN que:

O desenvolvimento das tecnologias da informação permite que a aprendizagem ocorra em diferentes lugares e por diferentes meios. Portanto, cada vez mais as capacidades para criar, inovar, imaginar, questionar, encontrar soluções e tomar decisões com autonomia assumem importância. A escola tem um importante papel a desempenhar ao contribuir para a formação de indivíduos ativos e agentes criadores de novas formas culturais. (PCN, 1998, p. 140).

As mídias sociais e os recursos tecnológicos têm como objetivo integrar, compartilhar informações em comum, entreter e aproximar pessoas. Cada uma delas tem sua finalidade e preferências nas relações. Nesse sentido, Moran (2013, p. 9-10) nos diz que as unidades escolares precisam estar atentas às demandas desse tempo:

Escolas não conectadas são escolas incompletas (mesmo quando didaticamente avançadas). Alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual do acesso à informação variada e disponível online, da pesquisa rápida em bases de dados, bibliotecas digitais, portais educacionais; da participação em comunidades de interesse, nos debates e publicações online, enfim, da variada oferta de serviços digitais.

Ainda para Moran (2013, p. 10):

Podemos aprender estando juntos fisicamente e também conectados, podemos aprender no mesmo tempo e ritmo ou em tempos, ritmos e formas diferentes. Sendo assim, a partir das novas tecnologias o papel do professor passou por novos processos de reestruturação e novos questionamentos, pois ele sempre foi o detentor de todos os saberes, a pessoa com maior grau de instrução, a que muitas gerações passaram, porém na nova visão da relação pedagógica, não é só o professor como mediador

nesta relação dos conhecimentos. É aquele que ensina, mas também aprende.

É importante que o/a professor/a fique atento ao ritmo de cada aluno e aluna, pois, cada um tem seu tempo de aprendizagem e cabe ao professor estar presente neste acompanhamento, nesta evolução. Para Barros:

À medida que avançamos para o futuro, será necessário redefinirmos toda a tábua tradicional de leitura habitualmente aceita para as temporalidades históricas, já que a “história contemporânea” de hoje será do passado, da mesma forma que a “história moderna” já não é mais moderna? As largas pinceladas, será útil discutir as modalidades temporais da História em termos de uma “História da Era Agrícola”, uma “História da Era Industrial”, e a mais recente “História da Era Digital? (2014, p. 13).

As mídias sociais e recursos tecnológicos são todas as tecnologias que temos à nossa disposição, desde as mais simples até as mais complexas. No nosso dia a dia deparamos com inúmeras tecnologias, sendo estas desde um simples celular, uma câmara, uma televisão ou um computador, todos produtos para serem criados a usar altas tecnologias, que nos proporcionam estar em contato com as demais pessoas. São exemplo disso, o computador e o celular, pois, com eles nos comunicamos com pessoas que estão afastadas, até mesmo, quando elas estão em outros países distantes de nós.

Segundo Freire “Se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua liberação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa” (2007, p. 22). Portanto, é importante que a equipe escolar fique atenta ao ritmo de cada aluno e aluna, pois cada um tem o seu tempo de aprendizagem e cabe ao professor estar presente neste acompanhamento, nesta evolução.

Para Coll,

A aprendizagem significativa é o processo de construção do saber pelo aluno e aluna, onde o mesmo confronta suas opiniões todos os dias, sendo possibilitado o construir e reconstruir seus conceitos, ampliando seu conhecimento, visão do mundo e análise crítica dos fatos. (1996, p. 42).

A escola pública é um espaço de constante reflexão para dar novo sentido às ações que permitirão avaliar as práticas pedagógicas e a postura profissional de todos que estiverem envolvidos em ensinamentos e aprendizagens, bem como, corrigir o que deve ser corrigido. O que é reforçado por Freire (1995, p. 23) afirma que “ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tornamos fortes” A prática e os reflexos que surgem possibilitam um construir-se a si próprio, estando, portanto, mergulhado em aprendizado reflexivo participativo, que ajude a encarar os novos desafios.

Nesse sentido:

Utilizar recursos tecnológicos não significa utilizar técnicas simplesmente, e não é condição suficiente para garantir a aprendizagem dos conteúdos escolares. Por isso, é fundamental criar um ambiente de aprendizagem em que os alunos possam ter iniciativas, problemas a resolver, possibilidades para corrigir erros e criar soluções pessoais. (PCN, 1998, p. 153).

Bahls diz que:

O impacto das novas tecnologias na vida cotidiana e na sociedade é cada vez mais evidente e só passa hoje despercebida para uns poucos renitentes, que esperam assim fugir aos temores do desconhecido desta nova aventura. Mas mesmo entre os que reconhecem a sua importância, em geral sua observação se restringe às características quantitativas do processo em curso (o número de pessoas e máquinas envolvidas, a ampliação da abrangência de suas atividades, seu caráter global, os valores econômicos envolvidos etc.), do que pelas características e dinâmicas específicas que estas novas tecnologias implementarão ao nível de nosso processo cognitivo e da própria prática educativa. Os recursos tecnológicos atuais, entre eles a internet, desencadearam novas formas de ler, de escrever e, portanto, de pensar e agir. Visto sob este prisma, o processo educativo pressupõe uma nova forma de possibilitar a construção e a elaboração do conhecimento diferente do tradicional, a partir de características específicas das novas tecnologias. (2005, p. 5).

As mídias sociais e os recursos tecnológicos foram criados para facilitar a vida das pessoas, e como tal, elas têm várias utilidades, dependendo do propósito do usuário. Podem ser usadas para salvar vidas, através de pesquisas em laboratórios ou também para expor ideias em relação a algo para as demais

peças. Enfim, a suas utilidades são inesgotáveis, pois também servem para ser usadas para o mal, como no caso do cyberbullying, da pedofilia, da preparação de armas, dos golpes, da preparação de crimes, das Fake News, das deturpações de acontecimentos, da criação de fatos fictícios e da manipulação ideológica das narrativas históricas.

Levy (1995, p. 23) destaca que:

...as novidades da informática designam a inteligência coletiva e uma nova relação. Sabe-se que todo conhecimento arquitetado por meio de vivência tem poucas chances de ser esquecido, além de se ter um exemplo concreto de verificado assunto por meio de uma experiência pessoal e não de teorias decorrente de experiências alheias.

No mesmo sentido, para Moran:

...a educação formal está num impasse diante de tantas mudanças na sociedade: como evoluir para tornar-se relevante e conseguir que todos aprendam de forma competente a conhecer, a construir seus objetos de vida e a conviver com os demais. Os processos de organizar o currículo, as metodologias, os tempos e os espaços precisam ser revistos. (2013, p. 9).

Os avanços possibilitam a criação de novos meios de ensino, fazendo uso de ferramentas digitais e aparelhos mais avançados, no desenvolvimento do profissional e no ato do ensino, para melhor repassar o conhecimento. O avanço tecnológico tem um papel decisivo a desempenhar no aprimoramento de programas capazes de ampliar a margem de segurança, nas transações eletrônicas e desarticular o vandalismo digital,

O PCN (1998, p. 140) salienta que:

...as novas tecnologias da informação oferecem alternativas de educação à distância, o que possibilita a formação contínua, trabalhos cooperativos e interativos. Podem ser ferramentas importantes para desenvolver trabalhos cooperativos que permitam a atualização de conhecimentos, a socialização de experiências e a aprendizagem permanente.

Ainda nessa perspectiva, para Silva & Amaral (2016, p. 337):

Nesta perspectiva, fica explícito que é preciso formar novos estudantes para o presente, com conhecimentos

atualizados no âmbito digital, de modo que sejam capazes de utilizar os recursos tecnológicos com desenvolvimento. Sabemos que a influência tecnológica na educação traz perspectivas de um novo campo de saber e de intervenção, o que vem se desenvolvendo no mundo inteiro, e que favorece na formação do sujeito, assim contribui para transmissão de conhecimento sociocultural no geral.

O aumento do acesso ao mundo digital e a facilitação em adquirir computadores e ter contato com a Internet, proporciona, cada vez mais, tanto ao professor quanto ao aluno que estes façam uso de tais recursos para inserirem-se e sentirem-se partícipes do processo de construção do conhecimento científico e social. Isso faz com que as novas gerações fiquem cada vez mais “conectadas” e por dentro do uso das tecnologias avançadas.

Para Da Silva:

O avanço da tecnologia provocou uma revolução em todos os setores da sociedade, modificando as formas de trabalho, agilizando processos que antes eram mais lentos e de difícil acesso à população, e na educação isso não é diferente. O computador está presente nas casas de grande parte dos estudantes, bem como o acesso à internet está sendo mais facilitado. Muitos estudantes não sabem utilizar os livros para fazer pesquisas, pois já nasceram na era da informática e dependem muito dela. (DA SILVA, 2013, p.3).

Um importante instrumento para os usuários de pesquisas nas mídias sociais é o conhecimento da Lei número 9610 de 19 de fevereiro de 1998, Lei de Direitos Autorais, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Entende-se sob esta denominação os direitos de autor e os que lhes são conexos. Precisa-se ficar atento à utilização de textos, de imagem e de vídeos, pois a internet não é um local sem lei.

Da Silva (2013, p.9) saliente que:

Usar a internet a favor da educação representa um caminho privilegiado na formação das novas gerações, pois ela está diminuindo distâncias, superando desafios, interligando as pessoas de diferentes lugares do mundo de maneira rápida e prática, cada vez com mais recursos

a nossa disposição, oferecendo tanto a nós professores, quanto aos alunos, ter contato com diferentes linguagens, o que irá contribuir com a formação linguística dos mesmos.

Sobre isso, também Dorigoni & Silva afirmam que:

Mediante o que foi exposto, reflexões à cerca do assunto devem ser implementadas, contudo, o potencial educacional que as TICs oferecem não pode ser negado, mas precisa ser integrado efetivamente na escola, principalmente na rede pública de escolarização, já que pode servir como mais uma possibilidade para a construção da cidadania plena. Para tanto, faz-se necessário estabelecer como propósito a utilização da produção multimídia de forma a desenvolver o potencial crítico sem negar o papel de consumidores que somos, mas sob forma consciente, salientar a nossa função de emissores e receptores do saber e da informação. (DORIGONI & SILVA, 2012, p.7).

Cada professor/aprecisa ter claro que hoje ninguém consegue mais viver à margem das tecnologias, e que aos poucos é necessário conhecer as possibilidades que elas representam para todas as disciplinas. É preciso buscar superar as dificuldades que se tem quanto ao uso dessas TCs, pois a falta de preparo e de manuseio dessas ferramentas impossibilitam o sucesso da equipe escolar quando delas necessita.

Moran (2015, p. 16) ressalta que “o professor precisa ser competente dos pontos de vista intelectual, afetivo e gerencial (gestor de aprendizagens múltiplas e complexas).” Isso exige profissionais mais bem preparados, remunerados, valorizados. O que nem sempre é a realidade atual.

Ressaltando que as professoras e professores na sua grande maioria exerce mais de uma função docente, sendo bastante comum a existência da dupla jornada de trabalho, um dos fatores que acarreta essa duplicidade é principalmente a desvalorização salarial do magistério, acumulada ao longo dos anos, impondo a procura de duplo emprego e renda como condição de sobrevivência.

Importante se faz, ressaltar que o ensino, de uma forma geral, requer que o professor e a professora tenham conhecimento e saibam utilizar as ferramentas tecnológicas, embora haja indícios de que o uso das tecnologias tem sido lento ou ainda, não foi incorporado às práticas pedagógicas. Demo (2005, p. 85) salienta que

“o desafio não é mais dominar conteúdos extensos, além disso, os conteúdos dominados, ficam desatualizados num piscar de olhos devido à inovação e informação.”.

Para Prensky (2001, p. 2) “ Aqueles que não nasceram no mundo digital, mas adotaram muitos ou a maioria dos aspectos da nova tecnologia, são chamados de Imigrantes Digitais”, portanto os professores e as professoras têm um grande desafio pela frente. Como o próprio Prensky (2001, p. 2) ressalta, “o único e maior problema que a educação enfrenta hoje é que os nossos instrutores Imigrantes Digitais, quem usa uma linguagem da era pré-digital e vai ensinar para uma população que fala uma linguagem totalmente nova que são os Nativos Digitais”, há que se estar bastante preparado.

Prensky (2001, p. 2), temos gerações diferentes envolvidas nesse processo: a dos nativos e a dos imigrantes digitais. Os primeiros são aqueles que já nasceram inseridos em uma cultura digital e já têm, intuitivamente, conhecimentos dessa tecnologia. A maioria dos professores não tem, a mesma habilidade tecnológica e está em busca de formação, de atualização para melhor ensinar e aprender, no dia a dia da sala de aula. Procuram, inclusive, rever o sotaque, têm que ensinar os educandos e educandas que falam uma linguagem nova, conectada e, portanto, precisam estar preparados para tal ensino.

Mas após este período de aulas online, com certeza o aprendizado foi intenso e grande para os dois lados, tanto para os educandos e educandas, quanto para os professores e professoras. O professor do futuro é aquele que se preocupa com a qualidade do ensino e, principalmente, em desenvolver seu papel de educador, se mantendo atualizado. O uso das tecnologias de informação e de comunicação, o uso da internet, das redes sociais e dos dispositivos ubíquos são essenciais à atualização do professor e da professora tendo em vista, as novas tecnologias. Demo (2005, p. 85) salienta que “Nada envelhece mais rápido do que o conhecimento inovador.” Portanto a atualização deve ser constante para toda a equipe escolar.

Entre todas as responsabilidades atribuídas ao professor, também estão os desafios em relação ao tempo para dedicar-se ao trabalho de pesquisa, visto que nem sempre isso é possível por diversos fatores, embora a pesquisa seja de

fundamental importância, (DEMO, 2005, p. 63) porque garante a evolução e manutenção constantes do conhecimento e a qualidade da aprendizagem.

Para tanto se faz necessário investir na formação continuada das professoras e professores, mas que esta formação seja concreta, desafiadora e não apenas por meio de palestras e seminários sem o devido aprofundamento, que seja, portanto, formações com consequências positivas e conteúdos relevantes.

A equipe do Colégio Estadual Castro Alves é unida, coesa, comprometida com a unidade escolar e, também, com os/as educandos/as. Quando foi implantada a modalidade de trabalho remoto, apenas dois profissionais tiveram mais dificuldade para se adaptar às novas modalidades de ensino, sendo que os demais já faziam uso de ferramentas digitais e, por isso, rapidamente se adaptaram ao ensino remoto.

As maiores dificuldades encontradas pelos/as profissionais foi o uso do REANP (O Regime Especial de Aulas Não Presenciais), sendo a falta de informação para seu uso correto, ou o pouco tempo para aprendizado, gerando empecilhos no momento das atividades.

Tal progresso permitiu que os alunos/as não estivessem desamparados/as no que se trata à disponibilidade de conhecimento e ensino proporcionados pelos profissionais, efetivando a fixação do conteúdo escolar de forma mais rápida e com menos perdas. Quanto aos professores/as acima relatados/as, que apresentaram maior grau de dificuldade, foram auxiliados/as pela equipe, para que pudessem divulgar seu material e fazer uso de plataformas digitais para ministrar suas aulas, possibilitando que não ficassem atrasados/as ou em falta com o conteúdo que deveria ser apresentado, no ano letivo.

2.7 – OS EDUCANDOS E EDUCANDAS FRENTE AOS NOVOS DESAFIOS TECNOLÓGICOS

O Brasil já estava, segundo o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), estagnado e muito abaixo da média dos 79 países analisados. Em matemática estamos na 70^o posição; em Ciências, na 66^o; em leitura 57^o posição.

Diante desses resultados já era possível detectar iniciativas para tentar reverter esta realidade, com novas estratégias, com inovação no ensino, e com uma educação mais científica e tecnológica, aprimorando cada vez mais as competências e habilidades dos educandos e educandas. Buscamos, também, com a formação continuada da equipe de professores envolvida no processo de ensino aprendizagem, minimizar as mazelas do ensino e aprendizagem.

A busca era por uma educação formal mais circular e menos piramidal. Era o início de novos tempos, e, buscamos assim, sair dos modelos tradicionais, focando num maior equilíbrio, nas relações educacionais, onde o educando e a educanda deveriam assumir o protagonismo, sendo proativos e não apenas reativos. Tudo isso caminhava de forma lenta, pois sabe-se que faltam estruturas básicas, principalmente, das condições tecnológicas e das estruturas pedagógicas. Destacamos que, além de todas essas transformações, que o atual contexto com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Documento Curricular para Goiás – Ampliado (DCGO – Ampliado), traz à educação um grande desafio que consiste em pensar o ensino e as práticas pedagógicas com base em competências e habilidades.

A BNCC (2017) que apresenta as competências gerais que devem ser desenvolvidas, ao longo da educação básica: conhecimento; pensamento científico; crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; responsabilidade e cidadania.

A BNCC é um documento que prevê os objetivos de aprendizagem de desenvolvimento de todos os alunos brasileiros, e deverá nortear a construção dos currículos das escolas – públicas e privadas – para a educação infantil e ensino fundamental. O texto final da base é criticado por insistir em uma visão fragmentada do conhecimento e desenvolvimento humano, por invisibilizar as questões ligadas à identidade, gênero e orientação sexual, enfatizar o ensino religioso e antecipar a idade máxima para conclusão do processo de alfabetização, ignorando as especificidades de aprendizagem de cada aluno.

Já no ensino médio, o processo da implantação da BNCC e da reforma do ensino médio, traz no seu bojo o favorecimento de interesses do empresariado, portanto prioriza o mercado e descaracteriza a formação humana integral e os fins

formativos. O documento propõe apenas obrigatoriedade das áreas de linguagem e matemática no currículo, assim, os campos de ciências da natureza, humanas e sociais aplicadas passam a ser distribuídos em caráter interdisciplinar e a critério de cada rede. Esta medida precariza a formação do jovem brasileiro.

O PCN (1988, p. 17) ressalta que a educação, ao longo da vida está fundamentada em quatro pilares, que são: **Aprender a conhecer**, significa ser capaz de aprender a aprender ao longo de toda a vida; **Aprender a fazer**, que pressupõe desenvolver a competência do saber resolver problemas e adquirir uma qualificação profissional; **Aprender a viver com os outros**, respeitando a identidade do outro, respeitando valores de pluralismo, de compreensão mútua e de busca da paz; **Aprender a ser**, para melhor desenvolver sua personalidade e poder agir com autonomia, expressando opiniões e assumindo as responsabilidades pessoais.

O caminhar é longo e cheio de obstáculos, nesse contexto pandêmico, que fez a vida em isolamentos sociais. Com isso, o ensino remoto, traz no seu bojo, uma disruptura no ambiente educacional com a paralisação total das aulas presenciais. O Estado de Goiás reagiu rápido aos novos desafios implementando o ensino à distância, fazendo uso das tecnologias virtuais, a partir do mês de março de 2020. Houve o fechamento das escolas, e a rede pública e a rede privada foram encontrando formas de melhor alcançar os educandos e as educandas num caminhar para a educação. As postagens aconteceram e, ainda acontecem de várias formas, através do Facebook, Instagram, YouTube, WhatsApp, etc., mas para acessar cada um desses sites e aplicativos, tínhamos que ter, no mínimo, um bom celular, um tablet, um computador e uma boa internet. As aulas presenciais mudaram-se de modalidade, assim de uma hora para outra. Logo começaram a aparecer as dificuldades, pois nem sempre havia internet de qualidade. Com o ensino remoto, as diferenças sociais ficam mais gritantes e aparentes.

As escolas começaram a buscar soluções, então foram disponibilizadas cópias das atividades propostas, onde o educando e a educanda ou seus familiares buscavam na escola. Muitas vezes, essa busca não acontecia, e, neste momento, a equipe de profissionais da escola precisava ligar para as residências, para saber o que havia ocorrido. Também, aconteceu de os/as professores/as levarem as atividades nas casas dos/as alunos/as, o objetivo era o de alcançar um maior número possível de famílias. Não foram só os educandos e educandas que tiveram

dificuldades, a equipe de professores/as também encontrou seus percalços. Então, é computador que não tem muitos recursos, é internet que não atende às demandas atuais, é a falta de espaço adequado em casa, é também a falta de habilidades, no uso das tecnologias.

Os educandos e educandas encontraram dificuldades para acessar os links de vídeos que os/as professores/as postavam. Também, encontraram dificuldades para realizar as atividades propostas e enviar para os/as professores/as. Tudo isso foi desafio encontrado pelos estudantes. Prensky (2001, p. 2) nomeia essa geração de “Nativos Digitais”, pois segundo ele os jovens dessa geração são ativos e dinâmicos “multiconectados” e “multifuncionais”, pois são aqueles que nasceram em meio aos videogames, internet, telefone celular, podcasts. Essa foi uma das dificuldades encontradas ao perceber que muitos sabiam fazer, no uso das tecnologias.

Segundo pesquisa do Centro Regional de estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – CETIC, no Painel TIC Covid-19, a utilização da internet para estudar por conta própria cresceu, principalmente entre aqueles que possuem até o Ensino Fundamental, passando de 24 % para 52 % e entre aqueles com Ensino Médio passou de 39 % para 57 %. As principais barreiras reportadas pelos usuários para participar das aulas ou atividades remotas ofertadas pelas instituições de ensino estavam relacionadas à dificuldade de esclarecer dúvidas com os professores (38 %), à falta ou baixa qualidade de conexão à internet (36 %) e à falta de estímulo para estudar (33 %). (Painel TIC Covid-19, 3ª Edição: Ensino Remoto e Teletrabalhado, www.cetic.com.br, novembro de 2020).

A pandemia entrou na vida das pessoas como um verdadeiro tsunami, e da noite para o dia todos foram intimados a se adaptar às mudanças. Este desafio é mundial, e é como se de repente cada um e cada uma procurasse o seu novo chão. Muitos educandos e educandas foram para o mercado de trabalho, vistos que seus pais perderam o emprego por ser grupo de risco e as famílias estão passando por muitos problemas. Todos começaram a perguntar como será o mundo após a pandemia? Sabe-se que muito do que tínhamos antes dessa pandemia, não será mais encontrado.

Piaget nas suas pesquisas demonstra um processo que determina bem a posição ativa da criança e a capacidade de modificação das estruturas cognitivas, tais como a capacidade de adaptação a saber

Para Piaget:

Conhecer um objeto é agir sobre ele e transformá-lo, aprendendo os mecanismos dessa transformação vinculados com as ações transformadoras. Conhecer é, pois, assimilar o real às estruturas de transformações, e são as estruturas elaboradas pela inteligência enquanto prolongamento direto da ação. (PIAGET, 1986, p. 53)

Portanto, o que era novo para os/as educandos/as foram, aos poucos, sendo assumido como instrumento de aprendizagem, isso não foi fácil, pois muitos educandos e educandas da escola pública não têm acesso à internet, a computadores e, muitas vezes, nem a celulares em condições de acessar o material escolar. Isto fica claro, quando vários alunos/astiveram que recorrer às unidades escolar para buscar as atividades impressas. Moran (2015, p. 16) ressalta que “cada aluno desenvolve um percurso mais individual e participa em determinados momentos de atividades de grupo”.

A maioria dos alunos de ensino médio relatou a existência de muitas dificuldades para realizar as atividades online, tendo em vista a falta de internet ou um sinal com pouca qualidade, bem como a falta de equipamento adequado. Isso dificulta a concentração e participação nas aulas ministradas por meios online. Ressalta-se também a necessidade em buscar emprego, o que diminuía o tempo disponível para aulas.

A aprendizagem e o desenvolvimento são processos interdependentes que se influenciam de forma recíproca. Segundo Vygotsky (2010, p. 25), o processo de aprendizagem se dá inicialmente com o outro e, posteriormente, consigo mesmo, antecedendo e impulsionando o desenvolvimento, bem como este possibilita novas aprendizagens. Ambos são resultados de uma relação dialética estabelecida entre o sujeito e o meio, de maneira singular e em diferentes tempos e espaços. Fernandez (2001, p. 91) define como “autoria”, o processo e o ato de produção de sentidos e de reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção.

É importante relatar como esse processo afetou os/as profissionais dentro das escolas. Como profissional de educação do Ensino Público, vivenciei muito claramente essas mudanças acima citadas e como elas nos afetou e, ainda, nos afeta, durante este período pandêmico,

A história inicial do Colégio tem seu início em 22 de agosto de 1967, quando foi fundado o grupo escolar “Iris Rezende”, em um terreno doado. Foi fundado e autorizado a funcionar pela Lei 8404 de 19 de janeiro de 1978. Com a promulgação da Lei Meira Matos, o nome da escola foi alterado para Grupo Escolar “Castro Alves”. Em 1990 implantou-se o segundo grau, motivando assim a alteração do nome da escola para Colégio Estadual “Castro Alves”.

Com alunos/as e profissionais sendo impossibilitados/as de comparecerem na escola, a vídeo transmissão se tornou uma importante ferramenta de trabalho. Por meio de aplicativos de celular, como o WhatsApp, e de transmissão online, como Zoom e Microsoft Teams, passamos a dar aula de dentro de nossas residências. No início dessas atividades remotas, os conteúdos eram preparados e enviados aos/as alunos/as por meio do Whatsapp, com os grupos coletivos de cada turma que os haviam criado. Isso permitia o compartilhamento de informações e arquivos digitais referentes às aulas.

Os/as alunos/as faziam as atividades e os exercícios disponibilizados e os enviavam para os professores por meio de aplicativos, por e-mail, o que permitia a correção e avaliação das tarefas repassadas. Para os alunos que não possuíam meios de acesso digital, tais atividades e conteúdos eram impressos e entregues, na unidade escolar aos pais, que compareciam no local apenas para receber os exercícios ou entregá-los quando prontos. Desta forma, os estudantes tinham meios de acesso ao conteúdo mesmo sem ferramentas digitais ou aparelhos tecnológicos.

Para evitar a evasão escolar, a equipe fazia busca ativa com os estudantes faltosos por meio de telefone e visitas nas residências buscando explicação sobre o motivo das ausências e meios para que participassem das atividades online, acompanhando as aulas e entregando as atividades propostas em dia.

É inegável ser um momento muito difícil e completamente inovador. Como profissional, me encontrei em uma situação em que o medo do vírus e as dificuldades iniciais afetavam claramente as minhas aulas. A preocupação com a saúde

dificultava o modo de ministrar o conteúdo, fez diminuir o número de alunos/as que participavam das atividades escolares, em decorrência disso, outros problemas foram sendo desencadeados em nosso contexto escolar. Com a maior familiarização das plataformas digitais e dos aplicativos, começamos a ter mais desenvoltura na produção dos conteúdos e atividades; tivemos, com a participação da equipe escolar, um aumento bastante significativo de interação comprometida uns com os outros, naquele contexto tão incerto e temeroso. O que vivenciamos juntos nos possibilitou maior aprendizagem tanto em relação ao manuseio das TCs quanto à maior interação e união entre equipe escolar, alunos/as, pais e familiares responsáveis pelos alunos/as. Conseguimos além de estabelecer mais contatos com os alunos/as, o que fez com que eles/as voltassem a participar da vida escolar com mais produtividade. Conseguimos, também, maior disponibilização de mais meios de acesso às aulas.

Cabe ressaltar que, apesar das dificuldades enfrentadas, a tecnologia que, no início, era algo estranho e distantes aos meus meios de ensino, se tornaram, hoje, fator importante e indispensável para pesquisa e formação de conteúdos e atividades, por possibilitarem acesso fácil e rápido às informações e propiciar a criação de novas didáticas. As dificuldades ainda existem e a cada dia enfrentamos novas descobertas e novas possibilidades de elaborarmos e vivenciarmos aulas criativas. Muito do que foi aprendido e incorporado no ambiente escolar será ampliado e desenvolvido daqui em diante, incorporando definitivamente os recursos tecnológicos, no meu/nosso ambiente acadêmico.

2.8 – RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS

A educação, quando retornar às aulas presenciais terá um novo desafio, pois no ano de 2021 teremos o ensino mesclado entre a atividade escolar presencial e a continuação da modalidade online, no segundo semestre. Com as novas propostas de ensino em aulas presenciais, no caso do ensino médio, será obrigatório a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Documento Curricular para Goiás – Ampliado (DCGO – Ampliado). Neste momento far-se-á necessário o uso efetivo das mídias sociais e dos recursos tecnológicos. A proposta

é a de que teremos aulas presenciais com 30% de alunos, e aula online com o restante dos alunos da escola.

É importante e imprescindível assegurar aos educandos e às educandas uma formação integral, possibilitando-lhes o exercício de sua cidadania e autonomia. O desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, torna-os ativamente participativos na sociedade. Essa formação possibilita que eles/as utilizem e valorizemos conhecimentos, historicamente construídos – cultural, artístico, científico, ambiental e tecnológico – para que ao compreendê-los, também passem a transformar a realidade que os circunda.

Para Moran (2015, p. 13) o que a tecnologia traz hoje é a integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e o aprender acontecem em uma interligação simbiótica profunda e constante entre os chamados mundo físico e digital. É isso que a escola precisa ficar atenta, pois não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada.

Para Bacich & Moran (2015, p. 45) ensino híbrido “significa misturado, mesclado, blended.” Ele salienta que “A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos.” Esse processo fica mais claro agora quando a mobilidade e a conectividade, são mais aparentes, mais amplas e mais profundas, concordamos com o que Bacich & Moran chamam de “um ecossistema mais aberto e criativo”.

Podemos ensinar e aprender de várias formas, em todos os momentos, em vários espaços. Mas Moran (2013, p. 11) nos chama atenção dizendo que o “Híbrido é um conceito rico, apropriado e complicado. Tudo pode ser misturado, combinado, e podemos, com os mesmos ingredientes, preparar diversos “pratos”, com saberes muito diferentes.”

Não podemos perder de vista que a Constituição Federal (BRASIL, 1988, Art. 205), reconhece que a educação é “direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

A educação formal está num impasse, pois está diante de tantas mudanças na sociedade e, em decorrência disso, Moran (2013, p. 15) discorre sobre “a mudança necessária para evoluir, para tornar-se relevante e conseguir com que todos aprendam de forma competente e prontos a conhecer, a construir projeto de vida e a conviver com os demais” Diante disso, os processos de organização do currículo, as metodologias, os tempos e os espaços precisam ser revistos.

Para Freire (2009, p. 18) “ênfaticam, já muito tempo, a importância de superar a educação bancária, tradicional e focar a aprendizagem no aluno, envolvendo-o, motivando-o e dialogando com ele.”

Na educação quanto mais aprendemos próximos da vida, melhor. Para Moran (2013, p. 17). “As metodologias ativas são pontos de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas”.

Isso deverá ser um norte ainda maior, como retorno às aulas presenciais, posto que, a equipe escolar poderá encontrar alguns entraves. Dentre eles, está o retorno, de todos os educandos e educandas matriculados, quando for possível, pois hoje já temos que fazer “busca ativa” constantemente, para resgatarmos alunos/as que perdemos por falta de contato deles/as com a escola. A batalha é para que não ocorra desistência diante das dificuldades. É o combate à evasão escolar que tanto angustia causa à equipe escolar, à Secretaria de Educação e ao Governo.

A educação, no sentido mais amplo, sentido de aprender, nas concepções de Moran (2015, p. 5) é, também, auxiliar aos outros que estão fora da escola. Ao se fazê-los, por meio de uma comunicação e um compartilhamento de ideias, ao construir histórias de vida que façam sentido, que nos ajudem a compreender melhor o mundo, aos demais e a nós mesmos, a educação sempre se faz necessária. A educação estimula as pessoas a evoluir, a fazer escolhas, a se libertarem das dependências de outrem para a resolução de seus problemas com a leitura e com a escrita. Ela nos torna mais produtivos e realizados em todos os campos, como pessoas e como cidadãos. Este é mais um dos desafios para o retorno das aulas.

São muitos os desafios na educação, em ambientes presenciais e digitais, num cenário tão complicado e cheio de incertezas. Moran (2020, p.2) reflete que é

“prioritário dar ênfase e vivenciar valores humanos fundamentais.” Para Moran (2020 p.2) “Educadores, gestores, estudantes e famílias precisam insistir em construir relações inclusivas, de afeto, de conhecimento, abertas ao diálogo, a partir de questões reais.” É importante que a equipe escolar seja a que impulsiona atitudes da esperança, de valores humanos, de caminhos que inspirem projetos relevantes nas escolas e nas vidas das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento de uma sociedade cada vez mais tecnológica deve ser acompanhado da conscientização da necessidade de incluir, nos currículos escolares, as habilidades e competências para lidar com as novas tecnologias. No contexto de uma sociedade do conhecimento, a educação exige uma abordagem diferente em que o componente tecnológico não pode ser ignorado de forma alguma.

Neste retorno as aulas Moran (2013, p. 26) salienta “a necessidade de avançar rapidamente no redesenho de projetos educacionais que sejam flexíveis, de qualidade, de custo menor e de resultados mais rápidos e ágeis.” Só assim será possível recuperar, principalmente o educando e a educanda que teve o acesso às aulas comprometido. Ter atenção ao desenvolvimentos dos estudantes na compreensão do mundo, na busca de novas informações e no processamento das mesmas. Ao aprender a resolver problemas e a construir atitudes em relação aos objetivos que quer atingir nas mais diversas situações da vida, o educando e a educanda faz aquisições dos domínios cognitivo e lingüístico, que incluem formas de comunicação e de representação espaciais, temporais e gráficas.

As novas tecnologias e o aumento exponencial da informação levam a uma nova organização de trabalho, em que se faz necessário: a imprescindível especialização dos saberes; a colaboração transdisciplinar e interdisciplinar; o fácil acesso à informação e a consideração do conhecimento como valor preciso, de utilidade na vida econômica. Ensinar e aprender hoje sem o digital é privar os educandos e educandas de oportunidades ricas para vivenciar dimensões importantes para sua vida pessoal, profissional e social.

Para Bacich, TanziNeto e Trevisani (2015, p. 25) “as modificações possibilitadas pelas tecnologias digitais requerem novas metodologias de ensino, às quais necessitam de novos suportes pedagógicos, que transformem o papel do professor e dos estudantes e reinventem o conceito de ensino e aprendizagem.” Com isso, o ensino online ajuda a preencher lacunas, no processo de aprendizagem e traz uma maior motivação tanto para os educandos e educandas quanto para os professores e professoras. O ensino híbrido é uma das tendências da educação

neste retorno às aulas, essa nova metodologia tem como objetivo aliar métodos de aprendizagem online e offline, ou seja online e presencial.

Diante disso, um novo paradigma está surgindo, na educação, e o papel do professor e da professora, frente às novas tecnologias, terá de ser diferente. Com as novas tecnologias pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesse didático-pedagógico, como: intercâmbios de dados científicos e culturais de diversas naturezas; elaboração de jornais interescolar, permitindo desenvolvimento de ambientes de aprendizagem centrados na atividade dos educandos e educandas, na importância da interação social e no desenvolvimento de um espírito de colaboração e de autonomia nos educandos e educandas.

As metodologias ativas são modelos de ensino que visam a desenvolver a autonomia e a participação dos educandos e educandas de forma integral. Com isso, as práticas pedagógicas são beneficiadas e todo processo educativo é melhorado, contribuindo assim, com o desenvolvimento da dimensão cognitiva quanto da socioemocional. Moran (2013, p.27) salienta que um bom número de docentes e gestores pensam que as metodologias ativas deixam o professor em um plano secundário e que as tecnologias podem tomar o seu lugar, por isso, não querem mudar.

Segundo Bacich & Moran (2015, p. 46) “A integração cada vez maior entre sala de aula e ambientes virtuais é fundamental para abrir a escola para o mundo e trazer o mundo para dentro da escola.” Salientam a importância do aprender do educando e educanda com os seus pares, tornando assim mais significativo, pois quando há um objetivo comum a ser alcançado pelo grupo, todos se unem e alcança os objetivos propostos.

Bacich & Moran (2015, p. 46) continuam dizendo que a outra integração necessária é a de “prever processos de comunicação mais planejados, organizados e formais com outros mais abertos, como os que acontecem nas redes sociais,” em que há uma linguagem mais familiar, uma espontaneidade maior, uma fluência constante de imagens, ideias e vídeos. Não podemos esquecer que muitas vezes um simples jogo ou uma atividade realizada, no formato digital, pode servir como inspiração para uma ação integradora, coletiva, colaboradora e não individual.

A contemporaneidade exige um olhar criativo, inovador e inclusivo, voltado à diversidade, à sustentabilidade e à equidade. Sendo assim, é necessário que o processo educativo possibilite que o sujeito seja capaz de compreender, analisar, participar e utilizar o crescente fluxo de informações, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, mobilizar os conhecimentos científicos e desenvolver autonomia para tomar decisões, reconhecer e respeitar a diversidade. (Brasil, 2017, p. 16).

Portanto o ensino médio pode e deve ser implementado e mediado pelas novas tecnologias de informação e comunicação, por meio de pesquisas científicas, storytelling que é a arte de contar história, por meio da cultura maker - que é aprender a fazer, fazendo – e, por meio da gamificação que é a criação e execução produção de jornal. São várias as possibilidades de ensino e aprendizagem, considerando as abordagens historiográficas e as ações metodológicas e as novas abordagens para a tecnologia na educação. Assim, cada vez mais, fica evidente que podemos aprender de múltiplas formas, em todos os espaços e em tempos diferentes.

Como ressalta o PCN (1988, p. 108) ressalta que “A identidade é construída em um processo de aprendizagem, o que significa o amadurecimento da capacidade de integrar o passado, o presente e o futuro” para se faz necessário articular unidade e a continuidade de uma biografia individual. Compreender as diversas dimensões da vivência dos estudantes implica estar sempre atento às experiências escolares de cada educando e cada educanda só assim poderemos apresentar proposta de trabalho enriquecedoras e viáveis de serem executas e de ajudar no seu desenvolvimento e formação integral.

Como estamos vivendo atualmente num mundo dominado pela conexão a diferentes ambientes virtuais onde o principal ponto a ser considerado é que o uso das redes sociais que vem crescendo em diversas áreas, além de ser cada vez mais comum a criação de diversos tipos de sites com o propósito de representar comunidades específica, principalmente em tempos de pandemia com uma série de restrições, necessário se faz, considerar a fragilidade desses novos sistemas de interação social e ficar muito atento fazendo uso dos mesmos com cuidados e também com conhecimento e consciência.

Todavia é importante lembrar que as novas tecnologias não devem serem vistas apenas como a possibilidade de um espaço de compartilhamento de conteúdo e conexão entre as pessoas, mas principalmente como um espaço de colaboração, conhecimento, pesquisa e incentivo de novas formas de aprendizagem que podem contribuir ainda mais para inovar e estimular diversos aspectos referentes ao universo da educação, em paralelo com as tendências ditadas pelas redes sociais.

Este período pandêmico escancarou a extrema desigualdade de acesso ao digital e de condições de estudo e pesquisa, na maioria das residências. Moran (2020, p. 2) reforçou "a necessidade de termos uma política pública que agilize a infraestrutura digital nas escolas, formação docente em competências digitais e que o acesso individual e familiar à internet" seja considerado um direito social fundamental do século XXI.

A internet, em particular, tem sido indispensável para garantir a comunicação, o acesso à informação, o ensino à distância e à fruição cultural de um modo geral. Ao mesmo tempo, o uso da internet, durante o isolamento social, foi muitíssimo importante para mostrar as disparidades que se tem, na educação, e quanto o acesso e uso da rede precisam melhorar nas instituições de ensino. Diante do que vivenciamos, pressupomos que, o que poderia de fato diminuir estas desigualdades de acesso ao digital, visto que a internet é mais limitada entre as parcelas mais vulneráveis da população, é firmar acordos com operadoras de internet móvel para ofertar acesso subsidiado aos estudantes. A distribuição de chips e a gratuidade de determinados aplicativos podem ajudar a população estudantil a ter acesso às aulas online e, por conseguinte, a ter acesso aos conteúdos e às atividades propostas pelos/as professores/as, o que lhes garantirá a uma maior aprendizagem. Isso favorecerá, também, a muitos professores/as posto que terão mais possibilidades de fazer um ensino remoto com qualidade.

Diante das preocupações que são muitas e, também, diante dos novos desafios em torno do uso das novas tecnologias na educação e, também, diante das necessidades urgentes de mudança do modelo clássico ainda presente dentro das salas de aulas, existe uma busca por criação de novos projetos de uso dessas novas tecnologias. Estes projetos ressaltam as contribuições que estas novas tecnologias podem agregar, trazendo novas formas de aprendizagem e equalização dos conhecimentos da geração internet e migrantes digitais, dando ênfase a

recursos e estratégias que possam promover o aprofundamento e qualidade dos diálogos, o incentivo ao compartilhamento de materiais acadêmicos e maior interação entre professores, professoras e estudantes.

Também, se faz necessário, a implementação das condições físicas das escolas, dotando-as de recursos didáticos e ampliando as possibilidades de uso das tecnologias da comunicação e da informação. Pois, também ali, os/as estudantes precisam tomar para si a necessidade e a vontade de aprender. No entanto, essa disposição para a aprendizagem não depende só dos/as aprendizes. Essa disposição para a aprendizagem demanda de uma prática didática que garanta as condições necessárias para que essa atitude desejante de aprender seja favorável e se manifeste e prevaleça de modo significativo para a vida e para o mundo.

Portanto, é urgente desenvolver políticas de valorização dos professores e das professoras, visando a melhoria das condições de trabalho e de salários deles/as, assim como, é igualmente importante investir na qualificação deles/as, capacitando-os/as para que possam oferecer um ensino de qualidade, ou seja, um ensino relevante e significativo para os/as estudantes. É necessário garantir, aos mesmos, jornadas com tempo para estudo, leitura e discussões. É necessário, também, que o ambiente escolar tenha internet que alcance todos os espaços para que possam ter acesso às informações mais atualizadas, na área de educação que integre ciências, filosofias, história, culturas e artes, todas as artes, estando-se em salas de aula ou em outros locais de aprendizagens.

No retorno às aulas o acolhimento das educandas e dos educandos requer um compromisso político com a educação, envolvendo as diversidades, valorizando o conhecimento de cada um e de cada uma, considerando suas dúvidas, inseguranças e inquietações. Este é um momento de muitos desafios, tanto para a equipe escolar quanto para os estudantes. Portanto é preciso conhecer melhor os estudantes, pois assim poderemos elaborar novos projetos, redefinindo objetivos, buscando conteúdos significativos e novas formas de avaliar que resultem em propostas metodológicas inovadoras, com intuito de viabilizar a aprendizagem dos estudantes, incentivando-os para que não haja evasão escolar.

Outro ponto importante na volta às aulas é a busca efetiva por aqueles/as estudantes que não comparecerem à escola e nem estiveram presentes nas aulas

online, pois além de garantir o acesso deles/as à educação, quer-se, por conseguinte, garantir a permanência desses/as estudantes à escola, buscando acabar com a distorção idade/série e a evasão escolar, tão frequentes no ensino dos dias de hoje, principalmente no ensino médio, pois muitos vão para o mercado de trabalho por necessidades familiares ou por não querer estudar ou não gostar, que infelizmente é uma realidade.

A importância da inclusão social de fato e de direito se faz necessária e urgente, pois, só assim teremos quebra de paradigma do círculo da pobreza e da marginalidade. Além disso, o convívio com a diferença é extremamente importante para que haja a percepção de que ser diferente não é ser um problema, e sim uma peculiaridade da espécie humana, não importando cor, problemas físicos ou intelectual, mas sim com o ser humano na sua integralidade, pois todos somos inteligentes e capazes, só precisamos de oportunidades e acolhimentos.

É importante ter ciência de que a escola, com todas as suas contradições e limites, ocupa um espaço privilegiado e importante na vida dos adolescentes e das adolescentes e dos jovens e das jovens, e que isso influi, intencionalmente ou não, na construção de suas identidades e de seus projetos de vida, dentre outros aspectos de sua formação acadêmica e de sua formação para a vida. Portanto mesmo na era das mídias sociais a escola ainda continua fazendo a diferença na vida de cada pessoa que por ela passa.

No mundo inteiro a certeza de que a pandemia ainda não acabou, é presente, a luta contra este vírus ainda será longa, pois ele se reinventa a cada nova descoberta. No mundo todo, os casos de Covid-19 ainda continuam muito preocupante, pois em muitos lugares estão alternando entre queda e ascensão da Covid-19. Os números são alarmantes tanto de infectados quanto de mortes, são milhares, além é claro das seqüelas deixadas por esse vírus, tanto físicas quanto emocionais.

A pandemia do coronavírus escancarou de vez todos os males advindos da desigualdade social. A solidariedade e a empatia pediram e pedem licença para passar, o momento requer urgência. Talvez muitos ainda não entenderam, mas para o controle dessa pandemia cada um de nós temos que fazer a nossa parte. Em nada adianta apontar dedos. Talvez o momento seja apenas para nos ensinar o

verdadeiro sentido da inclusão social, vivendo em um mundo melhor sem preconceito, sem desigualdade, sem discriminação. Portanto é hora de repensar as atitudes, as ações.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M. E. B. **Integração de Currículo e Tecnologia: a emergência de Web Currículo**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ALVES, Rubem. **Entre a Ciência e a sapiência: O dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 3. Ed., 1999.

_____. **Por uma educação romântica**. Campinas-SP: Papyrus, 2002.

ANDRÉ, Marli. **Pedagogia das diferenças na sala de aula**. Campinas – SP: Papyrus, 2012.

ARENDT, H. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BACICH, L.; MORAN, J. M. **Aprender e ensinar com foco na educação híbrida**. **Revista Pátio**, n. 25, jun, 2015 – Disponível em: [HTTP://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/11551/aprender-e-ensinar-com-foco-na-educacao-hibrida.aspx](http://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/11551/aprender-e-ensinar-com-foco-na-educacao-hibrida.aspx) - Acesso em: 01 de dezembro de 2020.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando. **Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

BAHLIS, S.; NILTON. Notas sobre a Educação à Distância e a Revolução Tecnológica. **Revista Textos de laCiber Sociedad**, v. 6. TemáticaVariada, 2005. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net>. Acesso em: 02/06/2019.

BARROS, J. D'Assunção. **Teoria da História: Princípios e Conceitos Fundamentais**. Petrópolis, RJ: vozes, 5. Ed., 2014.

BEZERRA, L. T. S & AQUINO, M. de A. **Ensinar e aprender na cibercultura**. Rev. FAMECOS mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 18, n. 3, setembro/dezembro, 2011.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Antônio Carlos. **Movimentos Culturais de Juventude**. Antônio Carlos e Milton Fernandes Duarte. São Paulo, SP: Moderna, 1990. Coleção Polêmica.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília – DF, 1988.

----- **Ministério da Educação e do Desporto – MEC**. Brasília – DF, 1997. <https://portal.mec.gov.br>. Acesso em 20 de março de 2021.

----- **Parâmetros Curriculares Nacionais– PCN (Ensino Médio)**, 1998. Portal mec.gov.br. Acesso em 20 de Novembro de 2020.

_____. Ministério da educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei número 9394 de 20 de dezembro de 1996.

_____. **Lei de Direitos Autorais**, Lei número 9610, 1998. Disponível em: www.planalto.gov.br/leis. Acesso em: 28 de dezembro de 2020.

----- **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular – BNCC**, Brasília – DF, 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Guia de Tecnologias Educacionais**. Organização: ANDRÉ, Claudio Fernando. Brasília: 2009.

BURKE, P. **O que é História Cultural**. Trad. De PAULA, Sérgio Goes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

----- **História e teoria social.** Trad. LEAL, R. F. 2ª ed. ampliada. São Paulo: Unesp, 2002.

CANÁRIO, Rui. **O prazer de aprender.** In: Pátio rev. pedag., Porto Alegre: Artmed, ano X, n. 39, ago/out, 2006.

CARVALHO, J. G. da S., & ARRUDA, A. **Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Paidéia, 2008.

CASTELLS, M. (1942). **A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura.** 1. v. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CAVALCANTI, Erinaldo. **O Futuro do Passado no Tempo Presente: Memórias e Narrativas Amazônicas nas Encruzilhadas do Tempo.** Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, Volume 12, nº 1, Janeiro – Julho, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural.** Campinas: Papyrus, 1995.

CEVASCO, Maria Eliza. **As dez lições sobre os estudos culturais.** São Paulo: Boitempo, 2003.

CHARTIER, Roger. et al. Inquiétudes et certitudes de l'histoire. Le Débat. **Histoire politique société.** Paris, n.103, 1999.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação. Estudos Avançados.** V. 5, n. 11, 1991. Disponível em: [HTTPS://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601](https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601). Acesso em 20 de dezembro de 2020.

CHARTIER, Roger. **A História hoje: Dúvidas, desafios, propostas [versão eletrônica].** Estudos Históricos, v. 7, n. 13, 1994. Disponível em:

bibliotecadigital/fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1966. Acesso em 20 de dezembro de 2020.

COLL, C. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1, 2, 3. 1995.

_____. **Um Marco de Referência Psicológico para a Educação Escolar. A concepção construtivista da aprendizagem e do ensino** in. Coll. C.; PALLACIOS, J. O Desenvolvimento Psicológico e Educação, v. 2, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Psicologia e Currículo**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Aprendizagem escolar e construção do pensamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994a.

CORALINA, Cora. **Melhores Poemas**. São Paulo: Global, 3ª ed., 2008, 4ª reimp., 2011.

COSTA, Diogo M. e VIANA, Sibelí A. **Materializando a História: O Passado Humano através da cultura material**. Revista Mosaico, v. 12, n. 01, PUC Goiás, 2019.

DA SILVA, S.D. de M. **Mídia e Educação: O Uso das novas tecnologias em sala de aula**. Disponível em: ucpel.edu.br/senale/Ed_senale/2013/textos/trabalhos/122. Inst. Feder. De Educação, Ciências e Tecnologia Farroupilha.x

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral e Narrativa: Tempo, Memória e Identidade**. VI Encontro Nacional de História Oral, 2003.

DELGADO, L. de A. N. & FERREIRA, M. de M. **História do tempo presente e ensino de História**. Rev. História Hoje, v. 2, n. 4, 2013.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 11. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 3. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

_____. **Política social, educação e cidadania**. Campinas: Papyrus, 1994.

_____. **Educação e qualidade**. Campinas: Papyrus, 1995.

DORIGONI, G. M. L. & SILVA, J. C. da. **Mídia e Educação: O uso das Novas Tecnologias no espaço escolar**. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br. Acesso em: 09 de maio de 2020.

DOSSE, François. **História do tempo presente e Historiografia**. Tempo e Argumento. Rev. do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis: v. 4, nº 1, jan/jun, 2012.

FERNANDES, Manoel. **Do Broadcast ao Socialcast**. São Paulo: bites, 2009.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. 2ª reed. Porto alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. **Os idiomas do aprender: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolar e meios de comunicação**. Porto alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: Desafios**. Cultura Vozes, Petrópolis (RJ), v. 94, n. 3, maio – junho, 2000.

_____. **A história como ofício.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2013.

_____. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 – 108, jan./mar., 2018.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e prática da libertação – uma introdução ao Pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Política e Educação.** São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Pedagogia da Esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: Editora UNESP, 2001 (série Paulo Freire: organização e apresentação Ana Maria Araujo Freire.

FERRETTI C. J. **Novas Tecnologias, Trabalhos e Educação.** Petrópolis: Vozes 1994.

GALLUCCI, Laura. A escola do futuro: navegando na contramão. **Revista da ESPM:** A escola do futuro. São Paulo, ano 17, v.18, n. 5, p. 26 -31, set./out., 2011.

GIORDAN, M. O computador na Educação em Ciências: breve revisão crítica acerca de algumas formas de utilização. **Ciência e Educação**, v.11, n. 2, p. 279-304, 2005.

GOFF, J. L. **História: Novos Objetos**. Trad. MARINHO, T. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

GOFF, J. L.; NORA, P. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

HARDT, M. A. N. Tradução de Berilo Vargas. Império. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Multitud: Guerra y democracia em La era Dellimperio**. España: Cultura Libre, 2004.

HERSKOVITS, Melville J. Man and his works, the science of cultural anthropology. Traduzida da 8.ª Ed. em Inglês por Maria José de Carvalho e Helio Bichels, 1948.

HIROSE, Rodrigo, Jornal O Popular, 12/11/2020, reportagem feita ao Jornal.

HORN, Michael B.; STAKER, Heather. **Blended: Usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

HUYSSSEN, A. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, políticas da memória, Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

JODELET, Denise. **O Movimento de Retorno ao Sujeito e a Abordagem das Representações Sociais**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 3, set/dez., 2009.

KALINKE, Marco Aurélio. **Para não ser um professor do século passado**. Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.

KLINGER, Diana, **A escrita de si – o Retorno do Autor**. IN: KLINGER, Diana. Escritas de Si, Escritas do Outro: O Retorno do Autor e a Virada Etnográfica. RJ: 7 letras, 2012.

KUNSCH, M. M. K. **Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados**, São Paulo: Loyola, 1986.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **Fundamentos da metodologia científica**. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEMOS, André. **Cibercultura e Mobilidade**. 2004. Disponível em: <HTTPS://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibermob.prof>. Acesso em 29 de Novembro de 2020.

LEVITSTY, S.; ZIBLATT, D. **Como as Democracias Morrem**. Trad. AGUIAR, Renato. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência: As árvores de conhecimento – ideia**. São Paulo: Editora 34, 1993.

----- **As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Trad. DA COSTA, C. I. São Paulo: Editora 34, 1993.

----- **O que é virtual?** Trad. NEVES, Paulo. São Paulo: Editora 34, 1996.

----- **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

----- **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do Ciberespaço**. 3. Ed. São Paulo: Loyola, 2000.

----- **A Conexão Planetária**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

----- **Tecnologias Intelectuais e Modos de Conhecer: Nós Somos o Texto**. Trad. Cândido, Celso, 2008.

_____. **A máquina do universo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 13. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, PAULO MARANHÃO E ISAÍAS ALVES, **A ARITMÉTICA CIENTÍFICA DA ESCOLA PRIMÁRIA**, 2007.

MORAN, J. M. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegarlá**. 2ª Ed. Campinas: Papirus, 2012.

_____. A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora. **Revista contrapontos**. v. 4, n. 2, 2004.

_____. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**, v. 4, n. 12, 2004 – PUC PR.

----- **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. **Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórica – prática**. 2017. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

----- Mudar a forma de ensinar e de aprender. **Revista interações**. São Paulo, v. V. p. 57–72.

----- **A educação Humanista Inovadora**. Disponível em: [HTTPS://www2.eca.usp.br/moran](https://www2.eca.usp.br/moran). Acesso em 01 de Novembro de 2020.

_____. **O uso das novas tecnologias da informação e da comunicação na EAD – uma leitura crítica dos meios**. Disponível em: Portal.mec.gov.br. Acesso 23 de Junho de 2020.

----- Uso da internet em sala de aula. **Educ. Mev** {online} 2002. n. 19, p. 131-146. Acesso em 22 de Junho de 2020.

----- . **A culpa não é do online – Contradições na educação evidenciadas pela crise atual.** Disponível em: <HTTPS://www2.eca.usp.br/moran/?p=1506>. 2020. Acesso em 20 de Outubro de 2020.

----- . **Mudando a educação com metodologias ativas e valores.** Disponível em: <HTTP://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2014/11/mudando_moran. Acesso em 20 de Novembro de 2020.

----- . **Educação Híbrida: Um conceito-chave para a educação, hoje Muitas Misturas.** Disponível em: <HTTP://Tinyurl.com/y52dzvcv>. Acesso em 18 de Dezembro de 2020.

_____. **O Ensino Híbrido: emergência ou tendência?** Disponível em: <HTTPS://lnKd.in/dJKYwgW>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro.** 9. Ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF. UNESCO, 2004.

MOURA, Milton. **Cultura e Diversidade: considerações sobre a multiplicidade das manifestações.** Revista Antíteses, vol. 3, n. 5, Janeiro – Junho de 2010. Disponível em: <HTTP://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses> - Acesso em 20 de dezembro de 2020.

NOIRIEL, Gérard. **Naissance du métier d' historien.** Genèses, Paris, n. 1, sept. 1990.

NORA, Pierre. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, n. 10,1992.

OECD, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE),<https://www.oecd.org/latin-america/data/education-skills/>, Pesquisa referente ao ano de 2019. Acesso em Janeiro de 2021.

OLIVEIRA, R. **Informática educativa**. Campinas: Papirus, 1997.

OLIVEIRA, Sidney. **Geração Y: Ser potencial ou ser talento?** Faça por merecer. São Paulo: Integrare Editora, 2011.

PACHECO, Joice Oliveira. **Identidade Cultural e Alteridade:** problematizações necessárias. Revista Eletrônica da UNISC. Santa Catarina: 2004.

PEIXOTO, J. Relações entre sujeitos sociais e objetos técnicos uma reflexão necessária para investigar os processos educativos mediados por tecnologias. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 6, 2015.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2012.

-----**Correntes, Campos Temáticos e Fontes Uma Aventura da História**. Autêntica, 2012.

PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos da Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 10, p. 200 – 215, 1992.

PRENSKY, Marc **Digital Natives, Digital Imigrants, On the Horizon**(MCB University Press, Vol.9 No.5 October 2001)© 2001 Marc Prensky.

PROST, Antoine. **Douze leçons sur histoire**. Paris, s. ed., 1994.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, Coleção Cibercultura, 2009.

REIMER, I. R. **Trabalhos Acadêmicos: Modelos, Normas e Conteúdos**. 1ª reimpr. São Leopoldo: Oikos, 2014.

ROSSATO, LUCIANA; SANTOS CUNHA, MARIA TERESA, **Vetores para uma escolha: História do Tempo Presente** e as pesquisas discentes no PPGH/UDESC, 2017.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2016.

_____. **A memória não é mais o que era**. In: FERREIRA, Amado (Org). 1996.

RÜSEN, J. A. **Teoria da História: Uma Teoria da História como Ciência**. Trad. ESTEVÃO, C. R. M. Curitiba: UFPR, 2015.

------. **A História entre a modernidade e a pós-modernidade**. História, Questões e Debates. Curitiba, v. 14, n. 26/27, p. 80-101, jan/dez, 1997.

------. **Cultura Faz Sentido**. São Paulo: Vozes, 2014.

------. **Razão Histórica: Teoria da História: Os Fundamentos da Ciência Histórica**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

------. **História Viva – Teoria da História III: Formas e Funções do conhecimento histórico**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias**. 3. Ed. São Paulo: Experimento, 2000.

_____. **A ecologia pluralista da comunicação, conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Culturas e Artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SARLO, Beatriz. **Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura**. Rio de Janeiro: J. Olympio Ed., 2005.

SCOCUGLIA, Afonso Celso, **Revista Lusófona de Educação**, 2007, 10, 27-40, p. 29.

SILVA, L. B. e AMARAL, M. G. B. **Mídia e Educação: o uso das Tecnologias em sala de aula**. RPI Revista de Pesquisa Interdisciplinar, Cajazeiras, v. 1, ed. especial, set/dez. 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. Disponível em: www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF. Acesso em 16 de dezembro de 2020.

SIMKA, Sérgio; MENEGHETTI, Ítalo (Orgs.). **A dimensão humana da educação na busca de superação das limitações tecnicistas**. Rio de Janeiro: wak, 2010, p. 99 – 111.

SIMKA, Sérgio. **A dor que cura**. Rio de Janeiro: wak, 2010, p. 113 – 125.

SPADARO, A. **Web 2.0: Redes Sociais**. São Paulo: Paulinas, 2013.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2001.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1992.

VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. **O uso inteligente do computador na educação.** Pátio rev. Pedag., nº 1, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Comunicação e a Educação no uso das tecnologias digitais de informação e comunicação.** Rev. UNIFESO – Humanas e Sociais, vol. 1, n. 1, 2014, p. 141 -166.

VARELLA, Flávia Florentino et al. (Orgs.). **Tempo presente e usos do passado.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2012.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

----- **Psicologia Pedagógica.** 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1988.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 5ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1994.

.